



Teologia Brasileira

Nº 91 | 2022 ISSN 2238-0388

1. Pastoreando a cidade e lidando com uma cultura hostil — Entrevista com Timothy Keller	4
2. Poesia hebraica bíblica: um proêmio <i>Adriano da Silva Carvalho</i>	27
3. James H. Cone e a teologia da libertação negra: O discurso Black Power para uma igreja progressista <i>Ana Carolina Peck Mafra</i>	45
4. [Sem] contribuições heréticas à ortodoxia: A reflexão de Alister McGrath sobre o conceito de heresia <i>George Camargo</i>	55
Lançamentos	63

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplam a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Me. Franklin Ferreira e Dr. Jonas Madureira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Revisão:
Jonathan Silveira

Contato:
[teogiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)

Editorial

Está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, Sofia Lee entrevista o teólogo e pastor Tim Keller sobre a sua conversão a Cristo, o início do seu ministério na Redeemer Presbyterian Church e como a igreja está respondendo às questões culturais da atualidade.

Apresentamos um texto de Adriano Carvalho sobre a Poesia hebraica bíblica. O autor, sem ser exaustivo, apresenta as principais características da construção desta poesia tão singular.

Sobre uma temática muito em voga atualmente, Ana Mafra oferece uma reflexão importante sobre James H. Cone e a Teologia da Libertação Negra.

Por fim, George Camargo, por sua vez, trabalha o conceito de heresia em um autor muito conhecido por nós, Alister McGrath. George demonstra como o teólogo britânico enxerga esta doutrina e a vê como um vírus sintomático no presente e no passado.

No vídeo desta edição, disponibilizamos uma palestra de Daniel Santos (PhD) apresentada durante o 9º Congresso de Teologia Vida Nova. Daniel explica a importância de se familiarizar com o gênero literário e o contexto de cada livro das Escrituras a fim de possibilitar uma hermenêutica sadias.



Boa leitura!

[Assista ao vídeo!](#)

Pastoreando a cidade e lidando com uma cultura hostil — Entrevista com Timothy Keller



Sofia Lee, repórter sênior da WORLD Magazine, entrevistou Tim Keller recentemente, que falou sobre sua conversão a Cristo, como aprendeu a amar a cidade e avaliou como a Igreja está respondendo às pressões das mudanças culturais.

Timothy Keller dispensa muita apresentação. Pastor fundador da Redeemer Presbyterian Church em Nova York, cofundador da Gospel Coalition e autor de vários livros, incluindo *A fé na era do ceticismo*, bestseller do *New York Times*, Keller tem estado ocupado e tímido com a mídia. Quando perguntei a Marvin Olasky se ele poderia me colocar em contato com Keller para uma entrevista, ele respondeu: “Consigo preparar isso com a mesma facilidade com que consigo preparar uma entrevista com Vladimir Putin”. Não consegui marcar uma entrevista com Putin (ainda), mas, mesmo em meio a sessões de quimioterapia (Keller tem câncer de pâncreas em estágio 4) e outros projetos, Keller encontrou tempo para me enviar uma resposta escrita de 25 páginas às minhas perguntas.

Você foi criado como cristão nominal. Como era sua ideia de cristianismo quando criança?

Fui batizado e criado em uma igreja luterana liberal (na época, a denominação era a Igreja Luterana na América, agora parte da Igreja Evangélica Luterana muito liberal na América). A ideia básica que recebi dessa igreja tradicional sobre ser cristão foi: “Seja uma boa pessoa e vá à igreja”.

Dos 13 aos 14 anos, passei por dois anos de aulas de confirmação antes de entrar para a igreja. Certo ano, a aula foi ministrada por um jovem ministro recém-formado em um seminário liberal. Ele apenas falava sobre como o movimento dos direitos civis foi importante. Nunca falava sobre doutrina.

E o segundo ano?

Um ministro aposentado lecionou para mim. Essa foi a primeira vez que eu realmente tive contato com a ideia de que a salvação não é algo que conquistamos, mas um dom gratuito da graça recebido pela fé. Ele estava explicando o evangelho para mim, mas isso não combinava com nada que eu havia aprendido naquela igreja luterana enquanto eu crescia, nem ouvi nada parecido com isso novamente naquele lugar. Então eu basicamente esqueci o assunto. Continuei a ouvir e acreditar que ser cristão significava simplesmente se esforçar para ser uma pessoa boa e prestativa. Não importava realmente o que você acreditava ou mesmo se você ia à igreja.

Alguma coisa disso tudo ficou com você?

Nenhum desses ministros me impressionou muito. Ninguém me transformou em liberal ou conservador ou me persuadiu em qualquer direção política. Eu não estava nem confuso com eles nem particularmente convencido por eles. Eu não era um cara focado em ações sociais nem era particularmente religioso. Meu cristianismo era muito superficial — era um verniz de “bondade”.

Quando você pensou em entrar no ministério?

Apenas alguns anos antes de eu ir para a faculdade, meus pais deixaram nossa igreja luterana e começaram a frequentar uma congregação evangélica conservadora. Essa igreja, ao contrário da luterana, era muito conservadora e falava sobre

“nascer de novo”. Essa foi a primeira vez que eu ouvi algo a respeito disso. Mas olhando em retrospecto, eu ainda não entendia o evangelho. Em vez disso, eu pensava que ser cristão acontecia quando você “se rendia”, “vinha até a frente” e “entregava sua vida a Cristo”. Isso significava, para mim, tentar ainda mais viver como Jesus do que os luteranos. Então eu “entreguei minha vida a Cristo” (várias vezes em reuniões de jovens).

Mas isso só me levou a me sentir espiritualmente superior aos outros de uma maneira que não havia sentido como luterano. Eu estava mais perto da verdade (agora entendendo que os cristãos tinham que viver uma vida santa e se render completamente a Cristo), mas também mais longe da verdade do evangelho porque eu era mais justo. Não surpreende que comecei a pensar em entrar no ministério. Olhando para trás, posso ver que isso partiu do meu orgulho. E sou grato a Deus por não ter permitido que eu me tornasse mais um ministro ordenado não convertido.

Você teve uma conversão genuína como estudante universitário na Bucknell University. Como você chegou à fé?

Durante meu primeiro ano na Bucknell University, longe de casa e de qualquer igreja, comecei a ter sérias dúvidas sobre a fé e passei por uma crise de identidade: eu estava confuso sobre quem eu era e se isso se encaixava com o fato de ser cristão. Mas um estudante cristão que morava no andar do meu dormitório gentilmente começou a me incomodar para ir com ele à InterVarsity Christian Fellowship.

Para resumir, ler C. S. Lewis sobre o tema do orgulho me ajudou finalmente a entender a profundidade do meu pecado. Não se tratava simplesmente de uma questão de comportamento errado, mas de algo profundamente errado com meu coração, identidade e perspectiva e, acima de tudo, de alienação com Deus. Por baixo de toda a religiosidade, vi que na verdade eu era hostil a Deus. Pela primeira vez, reconheci a necessidade de salvação por pura graça. Em algum momento durante meu segundo ano eu transferi para Cristo a confiança que eu tinha em mim mesmo e encontrei a verdadeira fé.

Antes da Redeemer, você pastoreou uma igreja de uma cidade pequena na Virgínia por nove anos. Como foi isso?

Meus primeiros anos foram desafiadores, assim como acontece no ministério de todo novo pastor. Tive que aprender cometendo erros, como todo mundo. Meus

sermões eram muito longos, minhas abordagens pastorais para algumas pessoas não funcionavam — às vezes eu era muito direto e às vezes não suficientemente direutivo. Comecei novos programas que ninguém realmente queria. Contudo, tendo em vista que a congregação foi tão solidária e amorosa, pude cometer esses erros sem que ninguém me atacasse por eles.

Mais importante, estar em uma igreja com pessoas de colarinho azul me ensinou a ser claro e prático na pregação. Um dos maiores elogios que já recebi foi quando alguém na congregação me agradeceu por eu “não ser intelectual” e, portanto, ser compreensível. Eu também aprendi a não construir um ministério baseado em carisma de liderança (coisa que eu não tinha de qualquer maneira!) ou habilidade de pregação (algo que não existia muito no início), mas em amar as pessoas pastoralmente e me arrepender quando eu estava errado. Em uma cidade pequena, as pessoas o seguirão se confiarem em você — em seu caráter — essa confiança deve ser construída em relacionamentos pessoais, não exibindo suas credenciais e seus talentos.

Como essa experiência afetou seus últimos anos de pastoreio de uma igreja urbana?

Em Hopewell, as pessoas estavam dispostas a ouvir meus sermões porque tinham experimentado meu amor e preocupação por elas. Em Manhattan, as pessoas só me procuravam com suas perguntas e se abriam sobre suas vidas quando estavam convencidas pelos sermões de que eu não era um golpista, um maluco, e porque eu tinha algum nível de QI!

Como você ganhou a confiança dos moradores seculares de Manhattan?

Sabíamos que nunca ganharíamos a confiança deles sem seus colegas. Ou seja, não distribuímos panfletos ou fizemos qualquer propaganda. Nos primeiros anos (antes de meus livros me tornarem uma pessoa mais pública), a única maneira de alguém saber sobre a Redeemer era porque um amigo a trouxera à igreja. Os primeiros anos foram intensos; as conversões aconteciam com tanta frequência que não conseguíamos acompanhá-las.

A Redeemer também é rotulada como sendo uma igreja para jovens profissionais, mas essa nunca foi minha intenção. Estábamos tentando alcançar as pessoas

mais não alcançadas em Nova York, aquelas que tinham menos acesso a uma igreja que crê na Bíblia. Isso significava que deveríamos estar no centro da cidade, em Manhattan. A demografia da igreja era apenas a demografia daquela área.

Antes de você e sua família se mudarem para Manhattan para plantar a Redeemer, o que passava por seus pensamentos e emoções?

Minha esposa inicialmente se opôs à vinda para Nova York principalmente por causa de nossos filhos. Não tínhamos certeza de como eles se sairiam em novas escolas, novos bairros. No final das contas, esse era o melhor lugar onde poderíamos ter criado nossos filhos. (Eles vão te dizer isso.) Eles viram o pai fazer algo assustador (eu não escondi isso), e eles também viram jovens bem-sucedidos que eles admiravam chegarem à fé. Também nos preocupávamos com o custo de morar lá, e estávamos certos — não tínhamos um salário suficiente no primeiro ano —, e com a dificuldade de nos adaptarmos a uma vida tão urbana.

É interessante que Kathy não estivesse tão preocupada quanto eu com o simples fracasso do ministério. Ela tinha mais confiança em Deus (e em mim) do que eu, e sempre pensou que seríamos capazes de plantar a igreja. Ela estava mais preocupada com os efeitos da vida em Nova York em nossa família.

O que o surpreendeu enquanto pastoreava em Manhattan?

Descobri que tinha um dom para o evangelismo. Duvido que eu teria descoberto isso se não tivesse vindo a um lugar onde havia muitos não cristãos presentes em todos os cultos da igreja. Minha segunda surpresa, e a maior de todas, foi que as pessoas no centro da cidade de Nova York realmente responderam ao evangelho e muitas se converteram.

O que atraiu esses moradores de Manhattan bem-sucedidos ao evangelho?

Eles viveram toda a sua vida com pais, professores de música, treinadores, professores e chefes dizendo-lhes para fazer o melhor, ser o melhor, se esforçar mais. Na opinião deles, Deus era o mestre de obras supremo, com exigências insatisfeitas. Ouvir que o próprio Deus havia atendido a essas exigências de justiça por meio da vida e morte de Jesus, e que agora não havia mais condenação para quem confiasse nessa justiça foi uma mensagem surpreendentemente libertadora.

Cheguei a ver como a teologia da graça os libertou (e os cristãos também) das idolatrias modernas com as quais os habitantes de Manhattan lutavam.

Como a cidade de Nova York define a cultura para o resto do país e do mundo?

Nos anos 1990, ouvi os nova-iorquinos discutindo e expressando seus pontos de vista sobre gênero e sexualidade de maneiras que agora, muitos anos depois, são predominantes em nível nacional. Gostemos ou não, a cidade é uma referência para a cultura. Alguns podem pensar, portanto, que os cristãos devem ficar longe das cidades, mas quando olhamos para as Escrituras, não podemos negar que Jesus passou de cidade em cidade em seu ministério, ou que Paulo estava disposto a discutir com a intelectualidade cultural nos centros das cidades como Atenas e Éfeso. Na verdade, regressei a Atos 17 várias vezes enquanto estava em Nova York para aprender a interagir fielmente com as pessoas do centro da cidade.

Como os cristãos podem influenciar a cidade de Nova York para o bem?

Comecei a me perguntar: “E se pudesse haver um movimento do evangelho em uma das cidades mais religiosamente hostis e influentes dos Estados Unidos?” Esse era um objetivo. E foi parcialmente realizado. Um grande número de pessoas que se tornaram cristãs estão agora servindo como sal e luz em todos os tipos de lugares que você nunca esperaria encontrar cristãos.

Na época havia outros pastores contemporâneos que pregavam sobre amar e investir na cidade?

Bem, temos que começar apontando que essa questão é um pouco centrada em pessoas brancas. Ou pelo menos é o tipo de pergunta que um profissional de classe média alta faria. As igrejas negras, pardas e asiáticas nunca saíram da cidade. Quando o evangelicalismo branco cresceu muito de 1965 a 1995, ele foi moldado por essa mentalidade de “êxodo branco” e, portanto, tinha um viés muito antiurbano.

No entanto, durante os cinco anos que passei lecionando teologia prática no Westminster Seminary, na Filadélfia, ao lado de Harvie Conn e Manny Ortiz, tive contato com uma série de ministérios e pastores afro-americanos, hispânicos e asiáticos que eram atenciosos, dinâmicos e teologicamente informados. Eles tinham ministérios prósperos em uma época em que as cidades do interior dos

Estados Unidos estavam em péssimas condições. Mas lá estavam eles. Quando Kathy e eu anunciamos que estávamos nos mudando para Nova York, várias pessoas nos disseram que estávamos pecando contra nossos filhos ao levá-los para a cidade, que eles perderiam a fé — e talvez a vida. (Ocorreu o oposto disso.) Mas a visão evangélica branca de que as grandes cidades eram completos “desertos espirituais” estava errada. Então sim, na década de 1980 não havia muitos pastores brancos e de classe média falando sobre amar e investir na cidade.

Alguém mais influenciou seus pontos de vista e abordagem ao ministério da cidade?

A rara voz evangélica branca que me encorajou foi James M. Boice, pastor sênior da Tenth Presbyterian Church na Filadélfia. Ele era um sincero defensor dos cristãos que investiam e viviam intencionalmente na cidade para servi-la. Jim argumentou com base na Bíblia que viver na cidade não era algo que todo cristão tinha que fazer, mas era algo a ser encorajado.

Eu me inspirei nisso e adotei esse raciocínio e ensino quando me mudei para a cidade de Nova York. É interessante notar que Jim nunca recebeu críticas de evangélicos por sua postura, mas hoje há muitas críticas contra as pessoas que incentivam a viver e investir na cidade. Os tempos mudam!

O 11 de setembro abalou Manhattan. Você poderia descrever o que aconteceu da perspectiva de um pastor local? Houve algum tipo de miniavivamento espiritual?

Conhecendo a história dos avivamentos e seus períodos, eu não chamaría isso de avivamento. A Redeemer passou por um desses períodos no início, de 1989 a 1991, em que pode ter havido algumas centenas de pessoas que foram levadas à fé em Cristo. Foi extraordinário.

Quanto ao 11 de setembro, muitas das igrejas da cidade ficaram lotadas por algumas semanas, mas todas voltaram aos níveis normais de frequência muito rapidamente. Ao contrário das outras congregações que eu conheço, a Redeemer cresceu, não voltou ao antigo nível de frequência e até viu várias pessoas se converterem. Tudo isso foi bom, mas não foi realmente um miniavivimento. (Passamos de 3.000 participantes para 5.200 na semana após o 11 de setembro, mas depois o número nunca foi inferior a 3.600 pessoas.)

Você notou alguma outra tendência?

Durante os 10 anos seguintes, muito mais pessoas de fora de Nova York vieram aqui para iniciar novas igrejas do que antes. Nem todos esses missionários bem-intencionados foram eficazes, mas foi um desenvolvimento bem-vindo.

Como eram suas orações naquela época?

Nossas orações foram para (a) proteção contra mais ataques, (b) para que a cidade se recuperasse, (c) para que Deus tivesse misericórdia das pessoas em sofrimento e (d) para que Deus usasse o medo e a crise para levar mais pessoas a ele.

Uma grande parte do seu ministério em Manhattan está alcançando os céticos urbanos e instruídos. Houve desafios em atrair os céticos e ao mesmo tempo discipular cristãos mais maduros na mesma igreja?

De jeito nenhum. Não é apenas possível, mas útil discipular cristãos na presença de não cristãos.

Como? Primeiro, no uso do evangelho. Se você usa o evangelho para resolver os problemas dos cristãos e reordenar os amores de seu coração, então os não cristãos ouvem o evangelho até mesmo enquanto os cristãos estão sendo edificados.

Segundo, no uso da “cosmovisão”. A única maneira pela qual o evangelismo não pode ser feito enquanto estamos discipulando e treinando pessoas é se estivermos falando sobre não cristãos e sobre descrença em termos muito diferentes de quando estamos falando com não cristãos. Se aprendermos a falar sobre a fé cristã não apenas como sendo a cosmovisão “correta” (e ela é!), mas também como a cosmovisão *mais completa* — ou seja, uma cosmovisão que inclui as boas percepções das outras pessoas, mas que também pode explicar e fornecer coisas que as outras cosmovisões não são capazes — então é possível evangelizar os não crentes mesmo quando estivermos mostrando aos cristãos algo sobre como integrar sua fé com sua vida.

Houve desafios para atrair pessoas de outros níveis socioeconômicos e educacionais?

Sim, muitos desafios. Em geral, é muito mais difícil combinar pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e educacionais do que combinar pessoas de diferentes raças e nacionalidades.

Mas no caso da Redeemer, nunca quisemos ser uma megaigreja regional na qual os participantes e membros se deslocassem a quilômetros de distância. Eu tinha visto igrejas assim em outras cidades onde apenas uma pequena minoria de membros realmente morava perto da igreja e a grande maioria vinha de longe. Essas igrejas enfrentam enormes problemas tanto na realização do evangelismo quanto do discipulado (assunto que não vou abordar aqui). Assim, trabalhamos duro na Redeemer para nos concentrar quase completamente em quem morava em nossos verdadeiros bairros. No centro de Manhattan, onde a Redeemer estava localizada, quase todas as pessoas eram altamente instruídas. Foi uma decisão acertada, portanto, adaptar nosso ministério ao contexto de profissionais instruídos. Essa era a demografia em que estávamos inseridos. Isso se encaixou na visão de uma igreja que atendia às necessidades dos bairros, em vez de ser uma igreja que atendia às necessidades de consumidores em toda a área metropolitana.

Uma coisa interessante sobre a Redeemer é o grande número de americanos asiáticos atraídos pela igreja. Por que você acha que isso aconteceu?

Ao alcançar os moradores de Manhattan céticos e seculares, acabamos nos deparando principalmente com brancos e asiáticos. Havia um número menor de outros grupos étnicos, mas na Redeemer, de modo geral — assim como nas demais igrejas Redeemer atualmente — os brancos eram uma minoria.

Acho que um grande número de asiáticos veio por várias razões. No início tínhamos uma jovem pianista, Tammy Lum, que é chinesa. Assim, quando alguém vinha à Redeemer notava dois rostos lá na frente para dar as boas-vindas: uma asiática (Tammy) e um branco (eu). De uma maneira pequena, mas significativa, isso fez com que os visitantes asiáticos se sentissem um pouco mais bem recebidos do que se vissem apenas um homem branco na frente.

O que mais?

Os jovens americanos asiáticos eram muitas vezes bastante instruídos e a Redeemer era especialmente preparada para responder a perguntas e objeções ao cristianismo com as quais eles eram confrontados na faculdade e na pós-graduação. Muitos asiáticos também me disseram que a ênfase da Redeemer na graça gratuita de Deus em Cristo era atraente.

Por fim, muitos asiáticos me disseram que, embora não preferissem um ambiente asiático completamente homogêneo, também não queriam ficar completamente isolados de outros asiáticos. A Redeemer tornou-se ideal para eles porque podiam convidar seus amigos asiáticos e não asiáticos.

**Você começou a ganhar fama como pastor da Redeemer.
Suspeito que você não goste de ser chamado de pastor celebridade,
mas o fato é que a maioria dos evangélicos reconhece seu
nome. Como você lidou com a fama?**

É importante reconhecer que houve uma mudança radical em 2008 depois que saiu meu primeiro livro, *A fé na era do ceticismo*. Foi então que as armadilhas da “fama” começaram a aparecer. Após os cultos aos domingos, visitantes de fora da cidade apareciam e me pediam para autografar um livro ou deixá-los tirar uma foto. Isso nunca tinha acontecido antes. Foi só quando comecei a escrever que comecei a ser *conhecido* por muitas pessoas que não me *conheciam* (minha definição de fama). Isso foi desconfortável tanto para Kathy quanto para mim, que temos a tendência de sermos mais introvertidos e quietos.

A princípio, essa posição de destaque parecia tão irreal para mim que simplesmente a ignorei. Parecia apenas uma ilusão e eu simplesmente não acreditei. O mundo cristão não é tão grande quanto as pessoas gostam de pensar. Mesmo agora, se você perguntasse às primeiras 10 mil pessoas que passaram por você em qualquer calçada de Nova York, é provável que nenhuma delas tenha ouvido meu nome. Mas com o passar do tempo tive que admitir que me tornei um sapo maior em uma lagoa.

Como isso afetou a igreja?

Isso não foi particularmente bom para a Redeemer. Trouxe muitos “turistas” para a igreja que vieram para meus sermões, mas que não faziam parte da congregação. Embora eu esteja feliz por qualquer visitante que possa ter sido desafiado pelo ensino bíblico durante uma visita, isso significava que eu não era capaz de falar com os cépticos locais da maneira que originalmente conseguia.

Felizmente, isso não aconteceu comigo até que eu tivesse quase 60 anos. Nessa idade você não entra em conflito com a fama, a não ser pelo fato de achá-la desconfortável e até mesmo hilária. Não recomendo que ninguém seja uma “celebridade”.

A visão estabelecida da Redeemer é “Divulgar o evangelho, primeiro através de nós mesmos e depois através da cidade por meio de palavras, ações e comunidade. Trazer mudanças pessoais, cura social e renovação cultural por meio de um movimento de igrejas e ministérios que mudam a cidade de Nova York e, por meio dela, o mundo”. De que maneira essa missão foi cumprida e de que maneira ela falhou?

Eu diria que a Redeemer foi parcialmente eficaz nisso. Primeiro vamos olhar para a segunda parte da visão: o movimento. Em 1989 (o ano em que a Redeemer começou), menos de 1% dos moradores do centro de Manhattan frequentavam uma igreja evangélica. Em 2019, foram 8%. Em 1989, havia cerca de 100 igrejas evangélicas no centro de Manhattan. Em 2019 havia 308. Nem a Redeemer ou a Redeemer City to City (que trabalha especificamente com plantadores de igrejas) plantaram diretamente todas essas igrejas, mas foi a maior contribuidora para o movimento em Manhattan.

É mais difícil mensurar a primeira parte da visão. Quanto do evangelho “se espalhou através de nós”, isto é, fez com que nós cristãos fôssemos pessoas semelhantes a Cristo? Quanta renovação social e cultural a cidade viu por nossa causa? Eu poderia lhe apresentar páginas e páginas de bons exemplos de ambos os casos que partiram da Redeemer. Mas a Redeemer falhou em relação a essa visão nos termos em que ela é declarada? Claro, como não poderia ter falhado?

Olhando para trás, há algo que você gostaria de ter feito diferente no ministério?

Definitivamente. Sem dúvida, eu deveria ter orado mais.

Muitos cristãos lutam para administrar seu relacionamento com a cultura do mundo. Você vê a cultura do mundo se tornando cada vez mais hostil aos valores cristãos (ou talvez sempre tenha sido hostil)?

Sim, definitivamente, a cultura é mais hostil ao cristianismo: seja na academia, na mídia, governo, negócios, entretenimento popular, artes ou redes sociais — nossa cultura está se tornando mais hostil em relação às crenças e valores cristãos. Não é a mesma coisa como sempre foi antes.

A pergunta “Como você responde a isso?” requer uma resposta que leva uma semana ou então requer algumas frases simples. Opto pelas frases: Primeiro, arrependa-se das maneiras pelas quais as vidas inconsistentes dos cristãos prejudicaram a credibilidade da Igreja. Segundo, ame o seu próximo como a si mesmo. Terceiro, deixe as pessoas saberem que você é crente — não esconda isso. Quarto, certifique-se de não ser severo ou desajeitado em suas palavras (certifique-se de que é o evangelho que está ofendendo e não você). E por último, não tenha medo da perseguição. Jesus promete estar com você.

Como você desenvolveu sua convicção e interesse pela justiça?

Primeiro, quando comecei a ler a Bíblia de maneira intensiva, tentando lê-la repetidamente, comecei a notar a frequência com que a Escritura fala sobre justiça para a viúva e o órfão, para o imigrante e para o pobre. É incrível.

Segundo, quando preguei sobre a parábola do bom samaritano, tive que estudar a história em profundidade e percebi as implicações. Quando perguntam a Jesus “O que significa amar o próximo?”, ele conta a história de um homem que arrisca sua vida ao interromper sua viagem e, de maneira sacrificial, oferece ajuda física e material a um homem de outra raça e religião! Por fim, quando comecei a viver em Nova York, as necessidades dos pobres tornaram-se ainda mais visíveis para mim.

Dê-me um exemplo de quando você precisou tomar uma posição impopular, seja contra não cristãos ou contra crentes.

Acho importante entender como todo o empreendimento da Redeemer foi radical. Todo domingo que eu pregava, toda reunião que eu ensinava, tomava posições impopulares que iam na contramão do que pensavam os moradores do centro da cidade. Enfrentava oposição e hostilidade semanalmente — às vezes diariamente.

A Redeemer Presbyterian Church é uma igreja evangélica conservadora na Manhattan secular e liberal. Toda semana eu dizia às pessoas coisas que a maioria considerava absolutamente ultrajantes, se não perigosas — Jesus é o único caminho para a salvação; sem crer em Jesus você está perdido e vai para o inferno; a Bíblia é verdadeira em cada palavra e você deve se submeter a ela quer ela se encaixe ou não em suas opiniões; o sexo é somente para um homem e uma mulher no casamento; você deve ser radicalmente generoso com seu dinheiro e, se for próspero, deve adotar um estilo de vida modesto. E assim por diante!

Plantar a igreja e pregar publicamente as Escrituras de forma expositiva foi e é extraordinariamente conflituoso. Muitas vezes as pessoas vinham até mim após o culto e expressavam forte oposição. A maioria era civilizada, mas algumas pessoas ficavam muito iradas e até me xingavam. E algumas dessas pessoas estavam em lágrimas.

O que você vê como a maior ameaça para os cristãos modernos?

Nos Estados Unidos, acho que a segunda maior ameaça é uma nova ideologia progressista e secular que está dominando a academia, o governo, o mundo corporativo e a grande mídia. Essa ideologia é contra a liberdade de expressão e se opõe profundamente a que pessoas religiosas expressem ou pratiquem muitos aspectos de sua fé em público.

No entanto, a primeira e maior ameaça é o fracasso da própria igreja americana:

- › A igreja tradicional se casou com partidos políticos liberais, a igreja evangélica se casou com partidos políticos conservadores e agora somos vistos como nada além de um bloco de poder político.
- › Também tem havido numerosos exemplos flagrantes de hipocrisia em que muitos líderes proeminentes de igreja se acham culpados de várias formas de abuso e comportamento corrupto.
- › Em vez de admitir que a igreja americana participou da marginalização e exploração de vários povos no passado, um segmento vociferante da igreja evangélica moderna tem recusado a se arrepender e ouvir, e em vez disso tornou-se áspera e denunciadora em seu discurso.
- › A igreja tem falhado em cumprir a Grande Comissão em nosso tempo, uma vez que não descobriu uma maneira de evangelizar uma cultura secular pós-cristã. (Veja o artigo seminal de Lesslie Newbigin, “Can the West be converted?”)

Considerando o momento atual da nação e o momento em que você se encontra (partindo do pressuposto de que você nunca fora diagnosticado com câncer), se você fosse plantar a Redeemer hoje, seria muito diferente?

A doutrina seria a mesma (já que minha doutrina não mudou).

A “visão teológica” básica (um termo que explico em meu livro *Igreja centrada*) também seria a mesma, porque embora os Estados Unidos e a cultura

de Nova York tenham mudado um pouco, não houve de fato uma mudança de direção. Ela está se movendo hoje na mesma direção que estava em 1989. Assim, esses fatores relacionados à “visão teológica” permaneceriam os mesmos.

Isso quer dizer que a ênfase seria em:

- 1) reordenar os amores do coração com o evangelho;
- 2) amar a cidade em palavras e ações;
- 3) contextualizar e se engajar culturalmente sem comprometer o evangelho;
- 4) pregar para cristãos e não cristãos ao mesmo tempo porque acolhíamos os não crentes e esperávamos que eles estivessem conosco constantemente;
- 5) usar uma linguagem acessível, não uma conversa piedosa de alguém que está familiarizado com os termos ou uma conversa doutrinária técnica desnecessária;
- 6) quando não cristãos não estiverem presentes, falar sobre eles exatamente da mesma forma que falamos quando eles estão presentes;
- 7) concentrar-se nos temas centrais em vez de discutir constantemente sobre tópicos em que os cristãos divergem;
- 8) superar barreiras raciais e formar uma comunidade multiétnica amorosa;
- 9) amar o próximo por meio de obras de misericórdia e justiça;
- 10) pensar com os não crentes como Paulo fez em Atos 17 e 1Coríntios 1.22-23, com uma estratégia de “plenitude subversiva”, ou seja, mostrar aos não crentes que suas melhores aspirações são idólatras, mas que suas verdadeiras necessidades podem ser satisfeitas em Cristo;
- 11) combinar coisas que confundem as expectativas dos não cristãos, tais como:
 - falar a verdade *impopular*, mas fazê-lo com um *amor* paciente, gentil, aberto a críticas e de modo não coercitivo;
 - evangelismo vigoroso e ativo, mas também chamados à justiça;
 - forte contenção pela doutrina cristã histórica com abertura e ênfase nas artes;
 - uma crença na autoridade e inerrância das Escrituras, mas uma profunda apreciação e vontade de aprender com o pensamento não cristão (a prática da “graça comum”).
- 12) tanto no envolvimento profundo na igreja quanto na comunidade cristã, integrando fé e trabalho nos setores públicos da sociedade;
- 13) ter a “mesma mentalidade do movimento” e estar disposto a cooperar com outros cristãos ao invés de ser sectário e separatista;

14) praticar a liderança servidora e estar aberto a ideias e críticas em vez de exercer uma liderança coercitiva, abusiva e hierárquica.

Pelo menos uma coisa mudou desde 1989. Na época, a cultura secular foi dominada pela *psicologia*. Todas as pessoas estavam em programas de 12 passos e falavam sobre codependência, autoestima e outros assuntos terapêuticos. Hoje, a cultura secular é dominada pela *sociologia*. A ênfase no individualismo terapêutico ainda existe, mas foi um pouco suplantada pela identidade de grupo e por temas de poder e justiça.

O liberalismo mais antigo — com sua ênfase nos direitos individuais, liberdade de expressão e apoio à perspectiva da diversidade — está sendo suplantado por um secularismo muito mais antirreligioso que tem profunda desconfiança desses conceitos. Os cristãos agora podem esperar uma oposição mais aberta às suas crenças. Há outras coisas acontecendo em Nova York também — a demografia racial e de classe está mudando constantemente e precisa ser levada em consideração.

À luz dessas mudanças, o que *mudaria* seriam “modelos” de ministério. Isso se refere a *como* (não a *o quê!*) você prega (quais questões abordar, quais temas e assuntos enfatizar, quais ilustrações usar, quais autores e autoridades citar), a como evangeliza (por meio de eventos e palestrantes ou mais por meio de amizades e processos individuais?), a como assimila e discipula novos membros, a como organiza as pessoas para o cuidado pastoral (por meio de pequenos grupos? Por meio de redes pastorais leigas?), a como catequiza as crianças, a como exerce a liderança etc.

Exemplos de mudanças de modelo: a pregação em Nova York terá que oferecer uma “plenitude subversiva” às preocupações culturais e aos anseios por justiça da mesma forma que há 30 anos abordou os anseios de autorrealização (e a pregação deve continuar a fazê-lo). A evangelização em Nova York requer mais ênfase em conversas individuais entre cristãos e não cristãos. A maioria dos não cristãos precisará estar em tal processo antes de poder ser levado a um culto cristão.

Você provavelmente não se lembra de tudo o que disse ou escreveu, mas há algo que queira mudar agora?

De certa forma, os tempos mudam e, portanto, se eu olhar para trás para as coisas que escrevi ou disse há 20, 30 ou 40 anos, tenho certeza que posso argumentar a

favor delas de maneira diferente ou expressá-las de maneira um pouco diferente — eu certamente poderia ilustrá-las de maneiras diferentes.

Mas quando se trata de posições sobre questões bíblicas e teológicas, tenho quase sempre a mesma posição desde que saí do seminário.

Sobre criação e evolução?

Acredito em uma “terra velha” e que Gênesis 1 é uma expressão poética do significado da criação, não uma receita; mas também acredito na criação especial de Adão e Eva como nossos ancestrais.

Sobre justiça social?

Acredito que Deus quer que os cristãos trabalhem contra o racismo e a pobreza e criem uma sociedade mais justa, mas eles devem fazer isso estando espalhados pelo mundo. A igreja *enquanto* igreja [em sua capacidade de igreja] deve evangelizar e depois discipular os cristãos para mudar o mundo, mas não deve, como instituição, aliar-se a organizações e partidos políticos específicos.

Sobre a obra do Espírito Santo?

Não sou carismático, mas também não sou anticarismático; não deixo de apreciar os pontos fortes do movimento.

Sobre sexualidade?

Acredito que o sexo é apenas para o casamento entre um homem e uma mulher. Sobre o aborto — acredito que aborto é tirar a vida humana e, portanto, um pecado e um grande mal.

Sobre o complementarismo?

Acredito que no casamento/lar e na Igreja os homens devem exercer a “liderança” e essa liderança é modelada de acordo com a definição de autoridade de Cristo, que é a autoridade para servir e morrer. A liderança servidora nunca deve ser usada como um poder para obrigar ou exercer autoridade para seus próprios interesses. Acredito que as mulheres não devem ser ministras e presbíteras ordenadas, mas podem ser diaconisas. Eu só uso o termo “complementarismo” entre aspas

porque Kathy e eu chegamos à nossa posição antes de essa palavra existir e porque muitas vezes as pessoas que usam o rótulo lançam muitas regras extrabíblicas sobre as mulheres (como não trabalhar fora de casa, ou apenas aceitar certos empregos etc.), algo que nunca aceitariamós. Não mudamos nossas opiniões sobre esse assunto desde o seminário.

Aprecio mais profundamente a sabedoria e a verdade das confissões reformadas, especialmente os padrões de Westminster da minha denominação. Em várias questões confessionais — tais como a compreensão do funcionamento do “princípio regulador do culto” e a prática do Sabbath — não mudei minha posição desde que entrei na minha denominação.

Como eu disse acima, estou sempre revisando minhas anotações de ensino para que eu possa me expressar com mais clareza. Mas isso significa que eu mudaria *como* eu prego, não *o que* eu prego. Algumas pessoas dirão que tal falta de mudança ao longo de quatro décadas de ministério é ruim, mostrando falta de “crescimento”, e outras podem achar algo bom (eu acho bom). Vou deixar que os outros julguem.

Tenho ouvido muitos irmãos cristãos acusando você de ser liberal — tanto em termos teológicos quanto em termos políticos.

Devo começar lembrando que esses termos politicamente “liberal” e “conservador” são bastante imprecisos e subjetivos. Alguns anos atrás, interagi com um ministro da minha denominação que acreditava firmemente que nem as mulheres nem os homens solteiros deveriam poder votar nas eleições civis, mas apenas os chefes de família do sexo masculino. Ele acreditava que essa era a posição bíblica e foi uma das razões pelas quais ele acabou deixando a denominação, dizendo que 99% de seus ministros eram horrivelmente “liberais”.

Outro líder cristão com quem conversei me disse que o dinheiro dos impostos não deveria servir para nada a não ser apoiar a polícia e os militares. Todas as outras coisas deveriam ser feitas pela iniciativa privada, não pelo governo. Ele baseou essa ideia no que ele achava ser a interpretação correta de Romanos 13. Ele acreditava que qualquer nível de tributação além desse nível extremamente baixo era uma forma de socialismo. Quando eu disse que achava que os impostos também poderiam ir para a construção de pontes e estradas, ele me chamou de liberal. Mais uma vez, comparado a ele, eu era menos conservador no espectro político.

E quanto ao termo *politicamente liberal*?

Considerando a maneira como esse termo tem sido usado pela grande maioria das pessoas nas últimas décadas, não sou politicamente liberal. Não sou partidário de uma economia altamente centralizada e controlada pelo governo ou de impostos ao nível dos países socialistas europeus. Eu sou pró-vida. Sou, claro, um grande defensor da liberdade religiosa, um termo que a esquerda agora coloca entre aspas assustadoras e um conceito a que se opõe. Os liberais políticos não me consideram politicamente liberal.

Então, por que algumas pessoas me chamam de liberal político?

A primeira razão é que, em um ambiente altamente polarizado politicamente, qualquer um que não esteja lhe apoiando de maneira ruidosa e explícita é agora visto como uma pessoa que apoia o outro lado. Durante a última eleição eu simplesmente disse que, como ministro, eu não poderia fazer imposições à consciência dos cristãos (veja a Confissão de Westminster Capítulo 20) e dizer-lhes como votar. Isso irritou muitos conservadores que acreditavam que qualquer esforço para ser “apolítico” realmente significava estar do lado liberal.

A segunda razão é porque muitas vezes prego o que a Bíblia ensina sobre como os cristãos devem trabalhar e apoiar intensamente os pobres e necessitados. Mesmo que eu simplesmente exponha as Escrituras e não diga nada sobre governo ou tributação, muitas pessoas acreditam que tal ênfase levará a impostos mais altos e a um governo maior e, portanto, isso é ser “liberal”. Mas é claro que isso não é verdade. Dizer que os cristãos devem estar profundamente preocupados com as necessidades dos pobres não é falar de diretrizes políticas, mas simplesmente apresentar uma verdade bíblica.

Terceiro, muitos acreditam que, se não tenho uma atitude denunciadora e hostil contra os liberais é porque eu mesmo sou liberal, o que não é verdade. Jesus nos chamou para “saudar” publicamente e desejar paz não apenas aos nossos irmãos na fé, mas a todos (Mateus 5:43-48). Recentemente, no Twitter, parabenizei um ateu (Greg Epstein) por ter sido selecionado como capelão-chefe em Harvard. Tenho debatido publicamente os pontos de vista de Epstein e já me opus às suas crenças ateístas. No entanto, ele também foi amigável comigo e é uma pessoa que, diferente de alguns capelões-chefes de Harvard do passado, Epstein é, segundo aqueles que convivem com ele, mais justo e aberto à ideia de permitir que todos os capelões — incluindo os evangélicos — realizem seus ministérios. Mesmo

assim, muitas pessoas nas redes sociais expressaram sua convicção de que, se você demonstra cordialidade com ateus e liberais é porque deve ser pelo menos um liberal que ainda não saiu do armário. Isso não é verdade.

E quanto à acusação de ser teologicamente liberal?

Devo confessar que fico bastante perplexo com isso. Sou membro da Igreja Presbiteriana na América, que é doutrinariamente bastante conservadora, e estou satisfeito com suas posições teológicas, com a única exceção de que preferiria que as mulheres pudessem ser ordenadas diaconisas. Não acho que isso me torne teologicamente liberal em qualquer sentido que esse termo tem sido usado pela maioria das pessoas nas últimas décadas. Meu melhor palpite é que algumas pessoas pensam que minha ênfase na justiça e preocupação com os pobres significa que eu, de alguma forma, deva ser liberal no sentido político e teológico, apesar de minhas crenças doutrinárias ortodoxas e minha profissão de fé.

Mais uma vez, esses são meus melhores palpites, então é possível que eu não esteja enxergando o cenário como um todo. De modo geral, porém, não vejo problemas em confundir as pessoas quanto ao fato de eu ser liberal ou conservador aos seus olhos. Se um cristão está vivendo em obediência às Escrituras, ele ou ela não se encaixará em uma ideologia política binária ou em um partido. Acabei aceitando essa confusão.

Também ouvi pessoas dizerem que você endossou a teoria crítica da raça e se tornou muito orientado para a “justiça social”.

Já falei sobre a questão da justiça social em outras questões acima. Eu apenas exponho o que a Bíblia diz sobre justiça — e ela diz muito. Eu apenas acrescentaria aqui o temor que algumas pessoas têm de a ênfase na justiça social levar a uma perda de preocupação com o evangelismo. Qualquer pessoa que conheça alguma coisa sobre a Redeemer ou sobre o meu ministério sabe que isso nunca aconteceu. Sou essencialmente um evangelista em meu chamado.

Quanto à afirmação de que endossei a teoria crítica da raça (TCR), escrevi uma crítica sobre a teoria com a qual muitas pessoas simpatizantes da TCR não concordaram.

Em segundo lugar, muitas pessoas não sabem o que realmente é a teoria crítica da raça. Alguns possuem uma definição funcional da TCR como sendo “falar

muito sobre racismo”. A Bíblia em muitos lugares aborda o pecado da “acepção de pessoas” com base em sua classe, etnia, nacionalidade, sexo, idade ou qualquer outro *status* social. Portanto, tenho abordado o racismo a partir da Bíblia desde que comecei meu ministério em meados dos anos 1970. A maioria das pessoas atribui a teoria crítica da raça ao trabalho de Derrick Bell e outros, tendo início em meados da década de 1990. Isso significa que meu ensino sobre o pecado do racismo é anterior à TCR.

No entanto, acredito no que a Bíblia ensina (e também no que a igreja negra americana nos diz há décadas), ou seja, que existe algo como “racismo sistêmico” ou “institucional”. Isso significa que existem estruturas sociais que prejudicam certos grupos ou classes de pessoas, mesmo quando quase todos os que trabalham dentro da estrutura não são racistas de maneira pessoal e individual (ou sexistas etc.) em suas crenças e atitudes.

Há muitas pessoas que insistem que qualquer um que acredite no racismo sistêmico é automaticamente um proponente da teoria crítica da raça. Isso não é verdade. Em um artigo sobre o assunto mostro que o conceito é ensinado nas Escrituras.

Muitos pastores estão enfrentando dificuldades, principalmente após as várias mudanças durante a pandemia. As pessoas estão deixando as igrejas por causa das restrições da pandemia, eleições, injustiça racial, diferenças políticas etc. Muitos pastores estão deixando o ministério. Você já lidou com algo assim durante o seu ministério ou isso é algo específico para o nosso tempo atual? Como você navegou nas águas capciosas da política/ideologia?

Eu diria que a cultura está definitivamente mais polarizada do que nunca. Nunca vi nas igrejas do passado o tipo de conflito que temos nas igrejas de hoje. Em praticamente todas as igrejas há um corpo menor ou maior de cristãos que foram radicalizados para a esquerda ou para a direita por redes sociais, feeds de notícias e comunidades extremamente eficazes e completamente imersivas. As pessoas são bombardeadas 12 horas por dia com opiniões que apresentam um determinado ponto de vista político e a principal forma de persuadir não é por meio da discussão, mas da revolta. As pessoas estão sendo formadas por essa maneira imersiva de discurso público — muito mais do que estão sendo formadas pela Igreja. Isso está criando uma crise. Não, eu não enfrentei nada assim no passado.

No entanto, a maneira de navegar nessas águas é ainda seguindo a prescrição do livro de Provérbios para nossas palavras. Elas devem ser honestas, poucas, extremamente bem elaboradas, geralmente calmas, sempre voltadas à edificação (mesmo quando forem críticas) e devem ser acompanhadas de muita escuta silenciosa.

Muitos pastores mais jovens que são plantadores de igrejas respeitam e admiram você. Muitos deles acreditam que suas igrejas podem alcançar o crescimento e o reconhecimento que a Redeemer tem hoje. Mas isso não vai acontecer com todos. Que palavra você daria a eles?

Não há problema em querer ver crescimento espiritual e numérico em sua igreja. Todos devem desejar que as pessoas cheguem à fé e cresçam em Cristo e, se isso acontecer, o crescimento da igreja acontecerá. (Em outras palavras: podemos fazer uma igreja crescer numericamente sem que o Espírito Santo transforme vidas, mas se o Espírito Santo está transformando vidas, normalmente veremos pelo menos algum crescimento na igreja.)

Contudo, desejar um crescimento significativo da igreja como um fim em si mesmo para obter (como você diz) “reconhecimento” é espiritualmente letal. O que devemos desejar é a fidelidade ao nosso chamado. Ponto final. Se, além disso, você obtiver reconhecimento, ore a Deus para que isso não o prejudique. John Flavel argumenta em *Keeping the heart* que a segunda situação espiritualmente mais perigosa para se estar é a “adversidade”, mas a primeira e maior situação espiritualmente perigosa para se estar é a “prosperidade”. Para citar Jeremias 45.5 (na versão KJV), “Procuras grandes coisas para ti mesmo? Não as procure.”

Se você não busca o sucesso, mas, sim, a fidelidade e a produtividade, se o sucesso vier, é menos provável que isso o prejudique, enchendo-o de orgulho e levando-o a usar o poder de maneira egoísta e coercitiva. Em retrospecto, Kathy e eu sentimos que fomos um pouco protegidos por Deus das tentações do sucesso porque (a) não o esperávamos — nunca quisemos ou esperamos uma igreja grande, e (b) o sucesso veio em grande parte quando eu estava mais velho. Eu tinha quase 50 anos quando a igreja se tornou grande e conhecida, e (c) eu tinha quase 60 anos quando comecei a escrever livros. É muito mais difícil lidar com o sucesso sendo um jovem adulto do que sendo um adulto mais velho. (d) Por fim, apesar

do que se possa considerar como “sucesso”, qualquer líder de ministério pode lhe dizer que ainda há mágoas, perdas e lutas que vêm com a liderança, a fim de que as realidades da responsabilidade continuem a humilhá-lo.

Li que Kathy Keller desempenhou um papel imensurável em sua vida e ministério. Poderia dar um exemplo?

“Imensurável” é a palavra certa. Quando ainda éramos apenas amigos no Gordon-Conwell Seminary, nem mesmo estávamos “namorando”, Kathy era de longe a pessoa mais instrumental que me ajudou a enxergar a verdade da teologia reformada. Ela mesma era uma cristã reformada convicta, mas seus argumentos para isso eram extremamente acessíveis, de bom senso e práticos. Vi como os temas teológicos reformados estavam se desenrolando em sua vida e perspectiva e gostei. Eu fui para o seminário não gostando do calvinismo, mas no final do meu primeiro ano eu o adotei completamente.

E na Redeemer?

Primeiro ela foi a diretora não-oficial (e depois oficial) de comunicações. Se você estivesse na equipe da Redeemer, teria se acostumado com a seguinte frase: “Fale como se as paredes tivessem ouvidos”. Isso significava que em todos os momentos os cristãos deveriam considerar o que diziam sobre sua fé ou a maneira como descreviam os não crentes como se estivessem sendo ouvidos por um não crente. “O que o incrédulo concluiria sobre Jesus ou os cristãos se ouvisse o que você disse?” Isso foi determinante não apenas para nos distanciarmos de conversas internas e jargões cristãos, mas também nos lembrou que deveríamos esperar que não crentes estivessem presentes no culto, em pequenos grupos e em todos e quaisquer eventos que a igreja realizasse.

Olhando para trás, quais foram seus maiores desafios como pastor? Alguma vez você sentiu vontade de desistir do ministério?

Em maio de cada ano eu estava exausto, cansado, e brincava com a ideia de fazer outra coisa (algo que acho que muitos outros pastores também fazem), mas nunca considerei isso seriamente. A certa altura, quando minha esposa Kathy estava muito doente, pelo menos pensei em voltar a ensinar no seminário. Mas mesmo assim eu não acho que ela teria me deixado fazer isso.

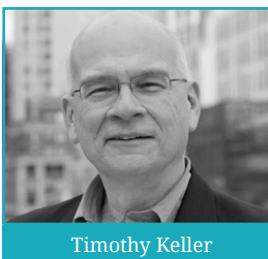
Muitas pessoas o conhecem pessoalmente como Tim Keller, um homem. Muito mais pessoas não o conhecem pessoalmente e o conhecem como Tim Keller, o pastor e teólogo. Como você gostaria que as pessoas que não o conhecem pessoalmente se lembressem de você, muito depois de você ter partido?

Quero que meus filhos e netos se lembrem das coisas que tentei ensiná-los com palavras e exemplos. Quero que meus livros continuem a ser lidos porque eu deliberadamente procurei apresentar ensinamentos bíblicos que achei que teriam relevância permanente. Mas, fora isso, não acho que seja meu trabalho me preocuar com meu “legado”.

Tradução: Jonathan Silveira.

Textos originais: [Pastoring the City](#) e [Handling a Hostile Culture](#).

Esta entrevista foi originalmente publicada em duas partes nas edições de 25 de dezembro de 2021 e 15 de janeiro de 2022 da WORLD Magazine e elas foram aqui reunidas em um único texto. Reimpresso com permissão. Copyright © 2022 WORLD News Group. Todos os direitos reservados. Para ler mais jornalismo bíblicamente objetivo que informa, educa e inspira, visite wng.org.



Timothy Keller

Sobre o autor

Nasceu e cresceu no estado americano da Pennsylvania. Estudou em instituições como Bucknell University, Gordon-Conwell Theological Seminary e Westminster Theological Seminary. A princípio, foi pastor na cidade de Hopewell, na Virgínia. Em 1989, iniciou a Redeemer Presbyterian Church, em Manhattan, com sua esposa, Kathy, e seus três filhos. Hoje, a igreja tem uma frequência de mais de cinco mil membros aos domingos e já ajudou a plantar cerca de duzentas igrejas ao redor do mundo. Keller é um autor prolífico. Entre outros livros, escreveu: *A cruz do rei*, *O significado do casamento* e *Justiça generosa*, todos publicados por Edições Vida Nova.

Poesia hebraica bíblica: um proêmio

Adriano da Silva Carvalho



Introdução

Certa vez, C. Hassel Bullock ressaltou que a qualidade musical intrínseca da língua hebraica suportava naturalmente a expressão poética: “é basicamente uma língua de verbos e substantivos, e estes são os blocos de construção da poesia hebraica”. Ele também comentou que a imensa força de seu sotaque lhe dá um movimento rítmico que perdemos em línguas que têm um estresse menor. “A escassez de adjetivos aumenta a dignidade e a impressividade do estilo, e a ausência de um grande estoque de termos abstratos leva o poeta a usar imagens e metáforas em seu lugar”.¹ Os escritores bíblicos souberam explorar muito bem essa singularidade, pois uma parte considerável do que escreveram estão em forma poética.² Se esse material fosse impresso em sequência, teríamos

¹BULLOCK, 1988, p. 31-32.

²Mark E. Wenger sugere que mais 8.600 versos da bíblia são poesia — quase 27% de todos os versículos da bíblia, ver: WENGER, Mark. *Poetry in the Bible. An Introduction (Lecture Notes)*. Disponível em:<https://www.academia.edu/7110653/Poetry_and_the_Bible_-_An_Introduction_Lecture_Notes_>. Acesso em: 07/08/2019.

um volume cuja extensão total excederia o Novo Testamento.³ Mas quais são as características formais da poesia hebraica bíblica? Como podemos abordá-la? Essas e outras perguntas serão respondidas por este artigo.⁴

1. Poesia

1.1 Terminologia

James L. Kugel⁵ observou que não existe no hebraico bíblico uma palavra para “poesia”:

Há um grande número de classificações de gêneros na Bíblia — palavras para diferentes tipos de salmos, hinos, músicas e arranjos corais; provérbios, jogos de palavras; maldições, bênçãos, orações; histórias, contos, genealogias; leis, procedimentos cultuais; discursos, exortações de intenção moral; oráculos, predições, consolação ou repreensão - mas em nenhum lugar qualquer palavra é usada para agrupar gêneros individuais em correspondências de blocos maiores como a “poesia” ou “prosa”.

Embora Kugel, em certo sentido possa estar correto, outros autores sugerem que algumas palavras hebraicas como, por exemplo, “מִזְמָר” — “mizmor” e “מִשְׁׁלֵךְ”

³KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. *Introdução à Hermenêutica Bíblica*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p.83.

⁴Desde que Robert Lowth, um estudioso da Universidade de Oxford profiou em 1753 suas memoráveis palestras sobre poesia hebraica, o interesse por esse tema só fez aumentar. Segundo George Buchanan Gray, a contribuição de Lowth para o estudo da poesia hebraica foi dupla: “(...) analisou e expôs sua estrutura paralela e chamou a atenção para a sua extensão no Antigo Testamento”, ver: GRAY, George Buchanan. *The Forms of Hebrew Poetry: considered with special reference to the criticism and interpretation of the Old Testament*. Londres: Hodder and Stoughton, 1915, p.4-7. No entanto, uma análise detalhada de todos os textos poéticos do Antigo Testamento ainda não pode ser realizada, ver: WATSON, Wilfred G. E. Classical Hebrew Poetry. In: *Journal for the study of the Old Testament - Supplement Series* 26, 1984, p.1.

⁵KUGEL, James L. *The idea of Biblical Poetry: parallelism and Its History*. New Haven and London: Yale University Press, 1981, p.69.

— “mashal” são apropriadas como sinônimas de poesia. Um “poema” e mesmo o próprio “estilo poético” podem ser descritos por essas duas palavras hebraicas⁶.

Pode-se definir poesia como qualquer tipo de linguagem verbal ou escrita que é estruturada ritmicamente e se destina a contar uma história, ou expressar qualquer tipo de emoção, ideia ou estado de ser, é a “arte de criar imagens, de expressar emoções em que se combinam sons, ritmos e significados”.⁷ Seu propósito “é instruir enquanto dá prazer”.⁸ É um gênero literário frequente em vários livros da bíblia, não apenas na chamada literatura sapiencial, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares, mas também nos escritos dos profetas e em outros lugares da Escritura⁹.

1.2 Prosa e poesia

A poesia é bem delimitada por suas diferenças em relação à prosa. Embora haja uma área de sobreposição, as diferenças são perceptíveis: “(...) apesar de algumas combinações de tipos e indefinição das linhas de demarcação, a prosa e a poesia são basicamente duas formas diferentes de usar a linguagem”.¹⁰ Além disso, certos elementos gramaticais são mais comuns na prosa do que na poesia. Esse é o caso das partículas hebraicas “אֲנָה” — (et) — que indica o objeto direto definido, do pronome relativo “אֲשֶׁר” — (asher), e do artigo definido “הַ” — (ha).¹¹ Por outro lado, segundo Charles Biggs¹² a forma mais simples e antiga do verso hebraico era medida por três acentos rítmicos, os trímetros (também havia a medida de cinco acentos “pentâmetros” e de seis acentos “hexâmetros”). Esse autor, discordava de Bickell quando este dizia que a métrica deveria ser medida por sílabas, sem considerar a quantidade como na poesia siríaca, de modo que há uma sucessão

⁶LOWTH, 1829, p.38.

⁷Mini Aurélio Século XXI. Editora Nova Fronteira, 2001, p.578.

⁸LOWTH, Robert. *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*. New York: Crocker & Brewster, e J. Leavitt, No. 182, 1829, p.9.

⁹FREEDMAN, David Noel. *Pottery, poetry, and prophecy an essay on biblical poetry*. In: Journal of Biblical Literature, Vol. 96, No.1, 1977, p.5.

¹⁰FREEDMAN, 1977, p.6.

¹¹FREEDMAN, 1977, p.6.

¹²BRIGGS, Charles. *Hebrew Poetry*. In: Hebraica, Vol .2, nº3. Chicago: The University of Chicago Press, 1886, p.164.

constante de sílabas acentuadas e não acentuadas e, portanto, iâmbicas ou trocáficas.¹³ Biggs acreditava que a poesia hebraica estava em um estágio mais avançado de desenvolvimento do que a poesia siríaca. Ele lembrou inclusive que o maqqef (־) foi usado no sistema massorético como um guia para a cantilação. No entanto, reconheceu que o uso do referido sinal gráfico para a cantilação dependia de um uso mais antigo para o ritmo.¹⁴

Para Biggs, embora existissem linhas de dímetro, não havia nenhuma parte da poesia bíblica que fosse construída de dímetros: “eles eram usados apenas para dar variação aos trímetros, especialmente no começo e no fim de uma estrofe, ou onde fosse importante que houvesse uma pausa no movimento do pensamento ou emoção.”¹⁵ Ele dá como exemplo Números 23.7-10:¹⁶

הכל סדק־ירורהמ באומ־דلم כלב ינחני סרא־ן רמאיו ולשם אשיו
: לארשי המען הכלו בקעי ילה־הרא
: הווי סען אל מעז הא לא הבק אל בקא חם
סיגבו זכשי דדבל מעזּה ונרוושא תועגבמו ונארא מירצ שארכדייכ
: בשחתי אל
סירושי תום ישבע חמת לארשי עבר־תא רפסמו בקעי רפע דنم ים
: ודהם כי יתרחא יהתו

1.3 Utilidade

Robert Lowth ensinou que a utilidade é o objetivo final da poesia, o prazer, o meio pelo qual esse fim pode ser efetivamente cumprido.¹⁷ Nesse espírito ele declarou: “eu, portanto, estabeleço como uma máxima fundamental que a poesia é útil principalmente porque é agradável (...) os escritos do poeta são mais úteis do que os do filósofo, na medida em que são mais agradáveis”. Não é difícil concordar com o autor aqui em relação à utilidade da poesia. Realmente esse gênero é muito importante na medida em que revela o esforço que os seres humanos

¹³BRIGGS, 1886, p.164.

¹⁴Ibidem, p.164.

¹⁵Ibidem, p.164.

¹⁶Ibidem,p.164.

¹⁷Ibidem,p.164.

fazem para explorar e compreender palavras e sentimentos. Além disso, por meio da poesia o ser humano consegue dar forma e significado às suas experiências, pois ela permite que ele se move com confiança no mundo conhecido, mas também que o ultrapasse.¹⁸ Não bastasse isso, a poesia permite expressar sentimentos e emoções por meio de imagens compreensíveis. Ao lermos Cantares, por exemplo, só conseguimos capturar a beleza do amor apaixonado descrito ali, porque o autor resolveu descrevê-lo em linguagem poética.¹⁹ Foi nessa perspectiva que Joseph Angus²⁰ comentou que “a excelência particular da poesia hebraica está em ter servido a mais nobre das causas, a da religião, apresentando as mais elevadas e preciosas verdades, expressas na linguagem mais apropriada”. Portanto, o estudo desse material não deve ser um mero exercício técnico, mas conduzido com toda a seriedade, pois o que se busca são tesouros espirituais maravilhosos.²¹

1.4 Paralelos

Desde a descoberta dos textos ugaríticos em 1929 houve uma intensa discussão da poesia de Ugarit e do Antigo Testamento.²² Esses achados foram datados pelos arqueólogos como próximos dos anos 1600 e 1200 a.C. (a segunda data é determinada pela invasão dos povos do mar que saquearam a cidade).²³ Mas, acredita-se que esses textos foram escritos próximos dos anos 1400-1350 a.C.²⁴ Seu principal material poético compreendia: (1) o Ciclo de Baal (uma série de episódios contando as aventuras de Baal); (2) as lendas de Keret e Aqhat (ambos, heróis humanos); (3) a história de Dawn, “Dusk” e as núpcias de Nikkal. Essas estórias foram escritas em cerca de 4.000 linhas de versos (mas havia muitas repetições

¹⁸BRIGGS, 1886, p.164-165.

¹⁹LOWTH, 1829, p.11.

²⁰LOWTH, 1829, p.11.

²¹SIMECEK, Karen; RUMBOLD, Kate. *The uses of Poetry*. In: Changing English, 2016, p.309.

²²Vejam também outro exemplo em Isaías 2.11-17, cf. GRENN, Jennifer. *Reading poetic texts in Isaiah*. Vol.13, Iss. 2, Article 3. In: Leven, 2005, p. 61.

²³ANGUS, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2003, p.539.

²⁴CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOYTER, J. A.; WENHAM, G. J. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2009, p.688.

literais das mesmas linhas).²⁵ Embora datando em forma escrita por volta do século XIV a.C., as próprias composições são provavelmente muito anteriores.²⁶ Elas teriam circulado pela primeira vez em forma oral, e, portanto, em várias versões diferentes, logo depois tomaram a forma estática e final que conhecemos hoje.²⁷ Os textos ugaríticos descobertos tratavam sobre mitos, contos e lenda, mas havia uma ou duas orações e pelo menos um encantamento, e talvez um hino.²⁸

Esses textos descobertos acabaram servindo de referência para o estudo da poesia hebraica bíblica.²⁹ Isso porque o ugarítico é uma língua intimamente relacionada com o hebraico, muito mais próxima do que o acadiano.³⁰ Mais tarde com a comparação desses achados com textos da bíblia hebraica, pode-se anuir o uso da poesia como um recurso literário bem explorado pelos autores bíblicos.

1.5 Características formais

Nesse tópico discorremos sobre as características principais da poesia hebraica bíblica.

1.5.1 Ritmo e paralelismo

O ritmo (métrica) e o paralelismo são para muitos autores, as características principais da poesia bíblica.³¹ Essa é a opinião, por exemplo, de George Buchanan Gray.³²

Robert Lowth em suas preleções acadêmicas sobre a poesia sagrada hebraica falou sobre três tipos de paralelismo: sinônimo, antitético e sintético.³³ No entanto, nos últimos anos, baseado em parte em estudos de textos ugaríticos parece haver um consenso acadêmico de que esse esquema era simplista demais. Hoje os

²⁵BULLOCK, 1988, p.32.

²⁶WATSON, 1984, p.6.

²⁷Ibidem, p.6.

²⁸Ibidem, p.6.

²⁹Ibidem, p.6.

³⁰Ibidem, p.6.

³¹Ibidem, p.6.

³²WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry*. In: Journal for the study of the Old Testament - Supplement Series 26, 1984, p.4.

³³WATSON, 1984, p.5

estudiosos falam em paralelismo sintático (ordem das palavras) e semântico (significado das palavras).³⁴ O paralelismo sintático é mais difícil de representar em algumas línguas, porque a ordem das palavras é muitas vezes difícil de ser traduzida de uma maneira inteligível. O paralelismo semântico é mais fácil de ilustrar.

1.5.2 Métrica

A métrica tem sido apresentada como uma forma de ritmo. Assim, para se saber o que é métrica, deve-se primeiro saber o que é ritmo.³⁵ Então vamos lá. O ritmo pode ser descrito como um padrão recorrente de sons.³⁶ Ele pode ser marcado por um forte acento em uma palavra, pela sonoridade, pela afinação (uma sílaba pronunciada em tom mais alto ou mais baixo que a norma) e pelo comprimento (extraíndo uma sílaba) etc.³⁷

Watson³⁸ observou que a métrica não pode ser medida cientificamente pelo uso do osciloscópio ou espectrografia sonora. Para o autor, ela só podia ser determinada linguisticamente.³⁹ Ela pertence à estrutura superficial da linguagem e não a sua estrutura profunda.⁴⁰ Além disso, a métrica é um padrão sequencial de entidades abstratas, em outras palavras, é uma espécie de moldagem de uma linha (de verso) para se ajustar a uma forma preconcebida composta de conjuntos recorrente.⁴¹

1.5.3 Estresse

Um elemento importante da métrica é o que Watson chama de “estresse”. Essa é uma característica suprasegmental do enunciado.⁴² Por exemplo, uma sílaba tônica é pronunciada mais energicamente, muitas vezes com um aumento no tom

³⁴CARSON; FRANCE; MOTYER; WEMHAM, 2009, p.688.

³⁵GRAY, 1915, p.3-4.

³⁶LOWTH, 1829, p.154. Veja também: BULLOCK, 1988, p.32.

³⁷BULLOCK, 1988, p. 32.

³⁸Ibidem, p. 32.

³⁹WATSON, 1984, p. 87.

⁴⁰Ibidem, p. 87.

⁴¹Ibidem, p. 87-88.

⁴²Ibidem, p. 87-88.

ou no volume:⁴³ “O estresse funciona para enfatizar ou contrastar uma palavra ou para indicar relações sintáticas”. O padrão do estresse na métrica hebraica pode ser percebido no texto de Salmo 142.2a..⁴⁴

יְלֹק לֹא הָווִי קָעֵזָא

Ezëaq YHVH El Qoly.⁴⁵

“Derramo perante Yavé a minha queixa”

1.5.4 Paralelismo sinônimo

O primeiro tipo de paralelismo é o sinônimo. Ocorre quando o mesmo sentimento se repete em termos diferentes, mas com equivalência.⁴⁶ Exemplo: Salmo 24.1⁴⁷

הַאֲוָלָמוֹ יְרָאָה קָדוּשָׁל

Umëloah Haarets LaYHVH

הַבָּיִת וְבָשָׂרֶוּ לְבָתָה

Vah Veyoshevay Tevel

“Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém,
o mundo e os que nele habitam”.

1.5.5 Paralelismo antitético

O paralelismo antitético é quando uma coisa é ilustrada pelo seu contrário: sentimentos se opõem a sentimentos, palavras a palavras, etc.⁴⁸ Vejam isso mais claramente em Provérbios 10.1:⁴⁹

⁴³Ibidem, p. 88.

⁴⁴Ibidem, p. 88.

⁴⁵Ibidem, p. 90.

⁴⁶Ibidem, p. 90.

⁴⁷Ibidem, p. 97.

⁴⁸A transliteração aqui não é rigorosa, isto é, não considera a forma (sobrescrito/ subscrito na transliteração) das vogais longas e breves minuciosamente, mas está correta e pode funcionar com um auxílio para o leitor menos experiente no hebraico bíblico. Assim, o texto hebraico usado nesta pesquisa seguiu sempre transliterado, apenas em um caso isso não aconteceu. LOWTH, 1829, p. 157.

⁴⁹O texto hebraico usado aqui é da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997), SBBB. A tradução livre é deste autor.

וְבָסְכָח חַמְשִׁירָבָא

Yēsamach av Chakham Ben

וְבוֹלִיבָכְתָנוֹת וּמָאָ

Ymo Tagat Kesyl Uven

“O filho sábio alegra o seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe”.

1.5.6 Paralelismo sintético

Nesse tipo de paralelismo as sentenças respondem umas às outras, não pela interação da mesma imagem ou sentimento, ou pela oposição de seus contrários, mas simplesmente pela forma de construção.⁵⁰ Exemplo Salmo 2.6:⁵¹

רְנָאֹו יִתְסֶן יְכָלֵם

Maléky Nasakhéty Vaany

לְעֵ - זָוִיצָה רְחֵ : יִשְׁדָק

Qadéshy Har Tsyon Al

“Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião”.

1.5.7 Merisma

Quando uma totalidade é expressa de forma abreviada, estamos lidando com o merisma. A expressão “corpo e alma” em Isaías 10.18, por exemplo, significa “a pessoa inteira”.⁵² O ponto significativo é que no merisma de qualquer forma não são os elementos individuais que importam, mas o que eles representam juntos, como uma unidade.⁵³ Veja, por exemplo, Isaías 1.6:⁵⁴

שָׁאַרְ-דָּעֹו לְגַרְ-ףְּכָם

Rosh Vead Regel Mikaf

⁵⁰LOWTH, 1829, p. 161.

⁵¹O texto hebraico usado aqui é da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997), SBB. A tradução livre é deste autor.

⁵²LOWTH, 1829, p. 162.

⁵³O texto hebraico usado aqui é da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997), SBB. A tradução livre é deste autor.

⁵⁴WATSON, 1984, p. 321.

סְתִּים וּבָנִיא

Metom Bo Eyn

“Desde a planta do pé até a cabeça
não há nele coisa sã...”

1.5.8 Ironia

Deve-se ter em mente que em uma declaração irônica, o significado literal é precisamente o oposto do que deve ser entendido. O principal problema da detecção da ironia na poesia escrita é a falta de marcadores extralingüísticos, como gestos corporais e a ausência de entonação que poderiam fornecer uma pista para a interação irônica.⁵⁵

Isso é verdade, sobretudo, no hebraico antigo, ugarítico e acadiano. Em todo caso, o contexto pode ser o melhor guia para apontar a presença da ironia. Esse é o caso de Amós 4.4-5:⁵⁶

וְאֵיבָהו עַשְׁפֵל וּבָרָה לְגָלָגָה וּעַשְׁפּו לְאַחֲרֵיכֶם וְאַבָּבָה
: סְכִיתְרָשֻׁעַם סִימֵי תְּשִׁלְשֵׁל סְכִיחָבָז רַקְבָּל
וְכִיכְרָמְשָׁה תּוֹבְדָן וְאַרְקָנו דְּדוֹת יְזָמָחֵם רַטְקוּ
: הַוְדָרִי יְנָדָא סָאָן לְאַרְשֵׁי יְנָבָה סְתִּבָּה
Harebu Hagilegal Ufisheu El Veyt Bou
Zivecheykhem Loboquer Vehavyu Lifeshoa
Maeseroteykhem Yamym Lisheloshet
Nedavot Veqireu Todah Mechamets Veqater
Yserael Beney Ahavetem Khen ky Hashemyu
Yehvih Adonay Neum

“Vinde a Betel e transgredi, a Gilgal, e multiplicai as transgressões; e, cada manhã, trazei os vossos sacrifícios e, de três em três dias, os vossos dízimos; e oferecei sacrifício de louvores do que é levedado, e apregoai ofertas voluntárias, e publicai-as, porque disso gostais, ó filhos de Israel, disse o SENHOR Deus”.

Compare o insulto direto em Amós 4.1: “Ouvi esta palavra, vacas de Basã”.⁵⁷

⁵⁵WATSON, 1984, p. 321.

⁵⁶O texto hebraico é o citado por Watson, ver: WATSON, 1984, p. 321.

⁵⁷WATSON, 1984, p. 306-307.

2. Dispositivos sonoros

Nesse tópico serão destacados os efeitos sonoros comuns no verso poético.

2.1 Assonância

É uma forma de repetição de vogais. Ocorre quando há uma série de palavras contendo um som de vogal distinto ou certos sons vocálicos em uma sequência específica. Exemplo, Salmo 48.7 (em alguns versões, será verso 8):

שִׁירָתْ תְוִינָא רַבֵּשֶׁתْ סִידָקْ חֹורָב
Beruach Qadyn Teshaber Onyot Tareshysh
“Com vento oriental destruíste as naus de Társis”

2.2 Aliteração

Trata-se do efeito produzido quando a mesma consoante se repete dentro de uma unidade de verso.⁵⁸ Exemplo, Salmo 147. 13:⁵⁹

דְּבָרָכֶבْ דִּינָבْ דְּרָבْ יְחִירָבْ :
Beqirebekh Banaykh Berakh Berychey
“Pois ele reforçou as trancas das tuas portas e abençoou os teus filhos,
dentro de ti”

2.3 Rima

Quando duas palavras soam iguais temos uma rima. Essa identidade sonora pode ser de vários graus, de quase perfeita a meramente aproximada.⁶⁰ Geralmente alcançada pelo uso do mesmo sufixo ou terminando em cola sucessiva. Exemplo, Isaías 33.22:⁶¹

⁵⁸O texto hebraico é o citado pelo autor, ver: WATSON, 1984, p. 307.

⁵⁹WATSON, 1984, p. 307.

⁶⁰Ibidem, p. 222-223.

⁶¹Ibidem, p. 225.

הוָהִי וְנִטְפֵּשׁ

Shofetenu YHVH

הוָהִי וְנִקְרַחֵם

Mechoqeqenu YHVH

הוָהִי וְנִכְלַם

Malekenu YHVH

“Porque o SENHOR é o nosso juiz, o SENHOR é o nosso legislador, o SENHOR é o nosso Rei; ele nos salvará”.

2.4 Onomatopeia

Pode ser definida como a imitação de um som dentro das regras da linguagem em questão. Ao contrário do mimetismo, a onomatopeia depende da linguagem.⁶² Assim ela está sujeita às variações causadas pela gramática, como Isaías 17.12 deixa evidente:

-סִיבֶּר סִימֻעַ זֹמְהַיּוֹה

Rabym Amym Hamon Holy

זֹמְמָהִי סִימֵי תּוֹמָהָכּ

Yehemayun Yamym Kahamot

בְּרִמְאֵל זֹוָאַשׁוּ

Leumym Usheon

זֹוָאַשְׁי סִירִיבָכּ בְּרִמְזֹוָאַשְׁכּ

Yshaun Kabryym Maym Kisheon

“Ai da multidão dos grandes povos que bramam como bramam os mares e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas”

3. Dispositivo analógico

Neste tópico veremos um recurso muito usado em linguagem poética, qual seja: a imagem.

⁶²WATSON, 1984, p. 226.

3.1 Imagem

Esse é um recuso muito utilizado na poesia. Certo autor expressou sua importância com as seguintes palavras:⁶³

“no nível técnico, a poesia está no seu melhor quando composta com economia, isto é, quando o poeta exprime o máximo possível em poucas palavras. Para usar uma analogia, isso corresponderia a um artista desenhando um esboço com um mínimo de traços de lápis”.

Uma imagem é uma figura de linguagem que expressa alguma semelhança ou analogia “a maioria das imagens são metafóricas”, mas nem todas as metáforas ou comparações são imagens.⁶⁴ Existem algumas características que devem acompanhar uma imagem em poesia: “devem ser concretas e relacionadas com o sentido, e não baseadas em conceitos abstratos”. Exemplo: Miqueias 3.2-3:⁶⁵

סְתִוָּמֶצֶע לְעֵם סְרָאָשׁו סְהִלְעָם סְרוּעַ יַלְזֹג הָעָר יְבָהָא בּוֹט יְאָנָשׁ :

Atsemotam Meal Usheeram Mealeuhem Oram Gozeley

Raah Veohavey Tov Soneey

**וְשָׁרֶפֶו וְחַצֶּפֶת סְהִיתָמֶצֶע-תָּאו וְטִישָׁפָה סְהִילְעָם סְרוּעוֹ יְמֻעָרָאָשׁ וְלַכָּא רְשָׁאָו
תְּחַלְקָדָוֶת רְשָׁבְכּו רִיסְבָּרְשָׁאָכּ**

Qalachat Betokh ukhevasar Basyr Kaasher Ufaresu Pitsech Atsemoteyhem Veet
Hifeshytu Mealeyhem Veoram Amy Sheer Akhelu Vaasher

“Os que aborreceis o bem e amais o mal;

e deles arrancais a pele e a carne de cima dos seus ossos;

que comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão”

3.2 Símile

Símile e metáfora se sobrepõem, até certo ponto expressam a mesma coisa, mas de maneiras diferentes. De um modo geral, a símile é mais óbvia que a metáfora:

⁶³WATSON, 1984, p. 229.

⁶⁴Ibidem, p. 231.

⁶⁵Ibidem, p. 234.

isso porque é mais explícita, ou porque a base de comparação é realmente declarada.⁶⁶ Em contraste, a metáfora é mais concisa e, ao mesmo tempo, mais vaga, podemos ver isso em Jó 24.24:⁶⁷

וְלֹמִי תַּלְבֵשׂ שָׁאַרְכֶּוּ וּצְפֵקִי לְכֶכָּו וּכְמָהוּ וּנְנִיאָו טָעַם וּמוֹר :

Ymalu Shibolet Ukherosh Yqafetsun Karol Vehumekhu Veeynenu Meat Romu
“São exaltados por breve tempo; depois, passam colhidos como todos os mais;
são cortados como as pontas das espigas”.

3.3 Metáfora

Compreender a poesia envolve enfrentar as expressões da metáfora.⁶⁸ Dois tipos de metáfora podem ser distinguidas: a referencial e a conceitual (semântico).

3.3.1 Referencial

Metáforas baseadas no que o poeta realmente pode ter visualizado. Por exemplo, Jeremias 12.10:

תְּקַלְחָתָא וְנַתָּן יַתְּקַלְחָתָא וְסָבָב יִמְרָכ וְתַחַשׁ סִיבָּר סִיעָר
הַמְמַשׁ רַבְדָּמֵל יַתְּדִמָּה

Bosesu Kharemy Shichatu Rabym Roym
Cheleqat Et Natenu Cheleqaty Et
Shemamah Lemidebar Chemedaty

“Muitos pastores destruíram a minha vinha e pisaram o meu quinhão; a porção que era o meu prazer, e a tornaram em deserto”.

Aqui a imagem evocada é concreta.⁶⁹

3.3.2 Conceitual

Metáforas dessa classe são baseadas em imagens abstratas em vez de concretas.⁷⁰

⁶⁶WATSON, 1984, p. 251.

⁶⁷Ibidem, p. 251.

⁶⁸Ibidem, p. 251-252.

⁶⁹Ibidem, p. 251-254-255.

⁷⁰Ibidem, p. 251-255.

3.4 Hipérbole

É uma maneira de expressar exagero de algum tipo em relação a tamanho, números, perigo, etc.⁷¹ A hipérbole é muito frequente no hebraico bíblico, ver, por exemplo, Isaías 48.19; Zacarias 9.3; Jó 27.16; Salmo 78. 27, entre outros.⁷²

Uma combinação de símile e metáfora pode formar uma expressão hiperbólica, como, por exemplo, em Salmo 141.7:⁷³

זֶרְאָב עַקְבּוֹ חַלֵּפְ וּמָכְ

Baarets Uvoqea Foleach Kemo

לוֹאַשׁ יִפְלֶן וְנִימְצַע וּרְזַפְּנָ

Sheol Lefy Atsameynu Nifezeru

“Ainda que sejam espalhados os meus ossos à boca da sepultura,
quando se lavra e sulca a terra”.

4. Dispositivos gramaticais

Neste tópico conheceremos certos elementos gramaticais que ocorrem com alguma frequência no texto poético do Antigo Testamento.

4.1 Elipse

A forma mais significativa de uma elipse na símile hebraica é a omissão da partícula comparativa.⁷⁴ Não há problema real quando isso ocorre na primeira linha, mas sim na segunda, como, por exemplo, em Salmo 36.7:⁷⁵

לֹא־יַרְהַח רְתָקְדַּץ

El Keharerey Tsideqatekha

הַבָּר סֻודַת דְּטַפְשָׂמָ

Rabah Tehom Mishepatekha

“Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! Por isso, os filhos dos homens se
acolhem à sombra das tuas asas”.

⁷¹WATSON, 1984, p. 263.

⁷²Ibidem, p. 264.

⁷³Ibidem, p. 264.

⁷⁴Ibidem, p. 316-317.

⁷⁵Ibidem, p. 318.

4.2 Oximoro

É a junção de duas expressões que são semanticamente incompatíveis, de modo que em combinação não possam ter uma referência literal concebível à realidade. Por exemplo, “água-seca”.⁷⁶ Quando duas palavras contraditórias são combinadas — como em “água-seca” a intenção é negar o aspecto molhado da água.⁷⁷ Em geral o seu efeito é de um choque intelectual como em Provérbios 28.19:⁷⁸

בְּחָל עַבְשִׁי וְתִמְדָא דְבָע

Lachem Yseba Ademato Oved

שִׁיר עַבְשִׁי סִיקִיר פְּדָרָמו

Rysh Yseba Reqym Umeradef

“O que lavra a sua terra virá a fartar-se de pão,
mas o que se ajunta a vadios se fartará de pobreza”.

Conclusão

No transcurso desta pesquisa procuramos de modo descritivo apresentar a estrutura formal da poesia hebraica bíblica. Em razão da natureza deste trabalho não fomos exaustivos, no entanto, cada explicação foi seguida por um exemplo extraído de um texto bíblico. Buscava-se com isso facilitar a assimilação do conteúdo teorizado. Entretanto, estamos cientes que o assunto abarcado é realmente intrincado. Assim, na conclusão deste artigo, deixaremos algumas dicas para a abordagem do material poético na bíblia. Vamos lá. Centre-se em uma unidade literária independente.⁷⁹ Em seguida busque determinar características formais do texto poético. Por exemplo, se a forma é um paralelismo, é preciso saber de que tipo é, e em que medida afeta o significado do texto.⁸⁰ O passo seguinte é procurar por temas principais, como sacrifício; motivos teológicos, como a aliança, ou eventos importantes, como o êxodo. Uma vez identificado esses elementos, deve-se tentar

⁷⁶WATSON, 1984, p. 319.

⁷⁷Ibidem, p. 260.

⁷⁸Ibidem, p. 307.

⁷⁹AUDIRSCH, Jeffrey. *Interpreting Hebrew Poetry*. In: *Journal for Baptist Theology and Ministry*. Vol. 13; Nº. 2, 2006, p. 47.

⁸⁰AUDIRSCH, 2006, p. 48.

entendê-los a partir de uma perspectiva diacrônica e sincrônica, isto é, sob o ponto de vista do desenvolvimento histórico e literário.⁸¹ É importante saber qual teria sido o propósito do autor ao usar certas imagens, metáforas, símiles, ironia, personificação e etc.⁸² Deve-se também perguntar sobre o impacto que a linguagem cultural específica tem na interpretação.⁸³ Tomados esses passos, acreditamos que o intérprete estará minimamente capacitado a lidar com esse material difícil.

Referências bibliográficas

- ANGUS, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- BRIGGS, Charles. *Hebrew Poetry*. In: *Hebraica*, Vol. 2, nº3. Chicago: The University of Chicago Press, 1886.
- AUDIRSCH, Jeffrey. Interpreting Hebrew Poetry. In: *Journal for Baptist Theology e Ministry*. Vol. 13; Nº. 2, 2006.
- BULLOCK, C. Hassel. *An Introduction to the Old Testament Poetic Books*. Chicago: Moody Press, 1988.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOYTER, J. A.; WENHAM, G. J. *Comentário Bíblico Vida Nova*. Editora Vida Nova, 2009.
- FREEDMAN, David Noel. *Pottery, poetry, and prophecy an essay on biblical poetry*. In: *Journal of Biblical Literature*, Vol. 96, No.1, 1977.
- GRAY, George Buchanan. *The Forms of Hebrew Poetry: considered with special reference to the criticism and interpretation of the Old Testament*. Londres: Hodder and Stoughton. 1915.
- GRENN, Jennifer. *Reading poetic texts in Isaiah*. Vol.13, Iss. 2, Article 3. In: Leven, 2005.
- KUGEL, James L. *The idea of Biblical Poetry: parallelism and Its History*. New Haven and London: Yale university Press, 1981.
- LOWTH, Robert. *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*. New York: Crocker & Brewster, e J. Leavitt, No.182, 1829.
- Mini Aurélio Século XXI*. Editora Nova Fronteira, 2001.

⁸¹AUDIRSCH, 2006, p.48.

⁸²Ibidem, p.48.

⁸³Ibidem, p.48.

- SIMECEK, Karen; RUMBOLD, Kate. *The uses of Poetry*. In: Changing English, 2016.
- WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry*. In: Journal for the study of the Old Testament - Supplement Series 26, 1984.
- WENGER, Mark. *Poetry in the Bible. An Introduction (Lecture Notes)*. Disponível em:<https://www.academia.edu/7110653/Poetry_and_the_Bible_-_An_Introduction_Lecture_Notes_>. Acesso em: 07/08/2019.



Adriano da Silva Carvalho

Sobre o autor

Mestre em Estudos Hermenêuticos e Novo Testamento pelo CPAJ/Mackenzie — SP. É professor no departamento de línguas clássicas e vernáculas do Instituto Brasileiro de Educação Integrada – IBEI/RJ. Escreveu artigos para a Revista Vox Scripturae/ Faculdade Luterana de Teologia e para a revista Pesquisas em Teologia — PUC/RIO. Autor de, entre outros, *Uma introdução ao estudo das Epístolas Pastorais*, *O pensamento escatológico nas cartas aos Tessalonicenses* e *Comentário de Judas*, publicados pela Editora Reflexão.

James H. Cone e a teologia da libertação negra: O discurso Black Power para uma igreja progressista

Ana Carolina Peck Mafra



“Não há nada mais ameaçador na América hoje do que um homem branco com raiva.”

Reportagem de 21 de novembro de 2021 da CNN.¹

Atualmente, é muito comum encontrar nos Estados Unidos cristãos que defendem movimentos sociais anticristãos como o Black Lives Matter. Muitas dessas pessoas parecem estar acríticas em relação ao discurso propagado pela mídia que continuamente defende a ideia de que toda pessoa negra, independente de sua situação real de vida e de suas ações, deve ser considerada como vítima do racismo estrutural. Simples posto: todos os negros seriam vítimas da “supremacia branca”. O caso mais conhecido e que tem sido usado como argumento para essa conversa, é o caso de George Floyd. Um homem negro,

¹<https://www.cnn.com/2021/11/20/us/angry-white-men-trials-blake-cec/index.html>

que foi morto em uma ação trágica e violenta cometida por um policial branco. A narrativa prevalecente é de que a morte de Floyd prova que a polícia americana usa de brutalidade sempre que se depara com negros. Apesar de os números mostrarem que de fato a violência policial nos Estados Unidos é alarmante, afirmar que os negros e suas comunidades são as maiores vítimas da violência e corrupção policial é uma falácia impetuosa.

Confirmar isso é fácil. Basta uma breve pesquisa em nomes como: Tony Timpa² — homem branco, morto em 2017, em situação idêntica a George Floyd, com a diferença de os policiais que o mataram nunca responderam criminalmente; Ella Fresh — mulher branca e policial, morta por espancamento em 2021 que teve medo de sacar sua arma e sofrer represália social; Andrew Coffee IV — um afro-americano, que foi considerado inocente em todas as acusações de assassinato, pelo mesmo motivo (e na mesma semana) que Kyle Rittenhouse (o jovem branco, acusado pela mídia como “supremacista branco” por ter atirado em três pessoas brancas que o atacaram). Em ambos os casos, o julgamento concluiu que os jovens agiram em legítima defesa. Neste caso, Coffee era acusado de atirar contra os policiais durante uma operação antidrogas em sua casa e mesmo assim foi inocentado das acusações. O que chama a atenção é como nenhum desses casos teve repercussão nacional como o caso de George Floyd. Provavelmente porque não se adequavam às pré-condições básicas da narrativa: a supremacia branca e o julgamento (injusto) que tem como base o racismo estrutural.

Sobre a afirmação de que a violência policial estaria então conectada especialmente a questões raciais, o professor Roland G. Fryer, Jr., do departamento de economia da Harvard University, afirma que de fato “as questões são espinhosas e as conclusões que alguém pode tirar sobre o preconceito racial são repletas de dificuldade.” Mas baseado em uma extensa pesquisa realizada por ele, defende que “Os dados mais granulares sugerem que não há preconceito racial envolvido nos casos de morte por tiroteio policial.”³ É verdade, todavia, que existe violência policial nos Estados Unidos (e no mundo). Existir o racismo e a extrema desigualdade socioeconômica é uma realidade cruel. Mas seria, de fato, a questão racial a raiz de todos os males sociais?

²<https://www.nationalreview.com/news/tony-timpa-suffered-the-same-fate-as-george-floyd-but-received-none-of-the-attention/>

³https://scholar.harvard.edu/files/fryer/files/fryer_police_aer.pdf

Infelizmente esta é uma retórica que muitos cristãos nos EUA estão aceitando como sendo verdadeira. No entanto, me parece que o que estamos assistindo por aqui, é o resultado de algumas décadas de um cristianismo que é raso em conhecimento bíblico e que em nome do “ser progressista” e em nome do “amor” abriu mão de credos fundamentais da fé cristã. Parece também que muitos cristãos esqueceram (ou não conhecem) a história do cristianismo. Não se lembram de importantes nomes de homens e mulheres, que justamente por serem protestantes, lutaram contra as injustiças sociais sem precisarem se filiar a movimento ideológicos. O que se vê posto nas igrejas hoje parece ser fruto de sementes que foram lançadas em meados dos anos 1950, época dos movimentos dos Direitos Civis nos Estados Unidos. Todavia isso não aconteceu de forma aleatória, nem orgânica. Tais ideias foram construídas por pessoas que, intencionalmente ou não, semearam ideias no passado que ecoam até hoje.

Um dos nomes de maior relevância para o entendimento de como essas ideias foram aos poucos penetrando a igreja cristã americana é James H. Cone. Recentemente traduzido para o português e publicado no Brasil, Cone é um dos grandes nomes da “Teologia da Libertação Negra”, perspectiva teológica fundada por ele por volta de 1960. Esta, no entanto, é o braço teológico mais poderoso, plantado dentro das igrejas cristãs, do revolucionário movimento “Black Power” lançado pelo mulçumano Malcolm X. Em seu livro *The Cross and the Lynching Tree*, Cone afirma que era necessário o desenvolvimento de uma “nova teologia”, uma vez que a teologia cristã era “muito branca”,⁴ pois seguia um modelo europeu de interpretação bíblica. Tal como a Teologia da Libertação, ele afirmava que esse modelo teológico “branco” era incapaz de dar respostas às complexidades sociais geradas pelo sofrimento dos negros.

Para Cone, se a cruz é o símbolo cristão do sofrimento, a “árvore do linchamento” (onde os negros eram brutalmente espancados e mortos na época da escravidão) era o símbolo máximo do sofrimento dos negros americanos e a prova de que os brancos são os verdadeiros opressores. Cone também acreditava que quando o sofrimento é vivido coletivamente, a fé é provada de forma ainda mais desafiadora (o que é verdadeiro), mas destaca que o maior pecado dos cristãos brancos era negar a existência de uma “supremacia racial branca” na

⁴James Cone. *The Cross and the Lynching Tree*. pp. xv.

sociedade americana e, portanto, estariam negando o pecado original verdadeiro: o pecado do racismo.

James Cone nasceu em Arkansas em 1938. Em suas próprias palavras, no “*estado do linchamento*”, em uma época em que “os brancos eram virtualmente livres para fazer qualquer coisa com os negros e impunemente” e onde “as cruzes da Ku Klux Klan eram uma realidade familiar”. Ele escreve por volta de 1969, dois anos após o motim racial de Detroit⁵ e um ano após o assassinato de Martin Luther King Jr. As histórias trazidas por ele são, de fato, de fazer doer a alma de qualquer leitor. São relatos reais, e trazem à luz a sensação de desamparo e o desespero sofridos por tantos negros americanos. Em seu livro, Cone relata que entendeu pertencer a ele a “responsabilidade de abordar a grande contradição que a supremacia racial branca representava para o cristianismo na América”. Para tanto, recorreu a duas figuras históricas que serviram de guia para suas ideias, tendo como objetivo integrar sua “*negritude e seu cristianismo*”. De um lado, Martin Luther King Jr. e o movimento dos Direitos Civis, e do outro lado, Malcom X. Cone explica que abraçou as duas ideias por reconhecer nestes diferentes elementos que poderiam “se complementar e se corrigir”, trabalhando para o mesmo objetivo: “a libertação dos negros da supremacia branca”. Sua esperança era “dar voz às vítimas negras”, com o objetivo de que “os americanos brancos pudessem olhar para o terror que infligiram à sua própria população negra — escravidão, segregação e linchamento” para que pudessem então “ser capazes de entender o que está vindo para eles”⁶ no presente momento histórico.

Não é minha intenção negar que Cone traz para a luz a tragédia do sofrimento gerado pela escravidão, assim como revela importantes elementos de um período de segregação racial vivenciados pelos norte-americanos. Mas é minha intenção aqui afirmar que o objetivo principal de James Cone nunca foi o de escrever um livro de histórias apenas. Sua prioridade era desenvolver um tratado para uma nova perspectiva teológica, centrada na pregação da cruz de Jesus como um paralelo ao sofrimento da árvore do linchamento, e tendo como o *a priori* da interpretação bíblica o sofrimento dos negros e o combate à “supremacia branca”. E é a proposta teológica de James Cone, a Teologia da Libertação Negra, contida

⁵<https://www.history.com/topics/1960s/1967-detroit-riots>

⁶James Cone. *The Cross and the Lynching Tree*. pp.vxii

por trás dos relatos e histórias de seu livro, o que realmente ecoa até os dias atuais. Logicamente, um leitor distraído, levado apenas pela emoção, pode pensar que Cone era apenas um pastor simples que queria proteger a sua comunidade. Todavia, ao prestar mais atenção, tendo como crivo a Bíblia e a história do cristianismo, é possível perceber que James Cone foi um formador de opiniões radical, que semeou dentro das comunidades negras americanas, desde os anos 1960, a ideia de que só existem dois lados: o lado do opressor e o lado do oprimido. Se você não está de um lado, certamente está do outro.

São os frutos dessas sementes que podem ser vistos hoje em muitas igrejas cristãs americanas e seminários teológicos. Mas, infelizmente, muitos cristãos não estão cientes de quanta influência negativa as ideias de James Cone e de outros teólogos que pregam a libertação por via da ação social revolucionária têm sobre a igreja evangélica nos dias atuais. James Cone segue como um dos maiores influenciadores do movimento pela justiça social nos Estados Unidos. Ele é amplamente citado por teólogos e pessoas importantes dentro dos movimentos sociais tais como Jemar Tisby⁷ e o autor mais conservador Mika Edmondson,⁸ entre outros. No modelo teológico proposto por James Cone, a interpretação bíblica deveria ocorrer tendo como ponto inicial o sofrimento dos negros. Todavia, a questão que surge após a leitura de seu livro é: quanta reconciliação racial de fato aconteceu desde os primeiros escritos de James Cone? E mais, poderia o modelo teológico proposto por Cone ser um modelo bíblico de libertação para todos os povos? Ao pensar em termos teológicos e bíblicos, qual é a contribuição histórica da Teologia da Libertação Negra em realmente libertar os negros da opressão e da pobreza?

Dr. Anthony B. Bradley, autor do livro *Liberating Black Theology* afirma que as ideias de Cone não são apenas uma “teologia baseada na pessoa negra, não autônoma, que é uma vítima quase permanente da agressão branca, mas é também um sistema teológico separatista”,⁹ e tudo, segundo ele, em nome da contextualização. Para este autor, o ponto de partida de Cone, onde ele afirma que a identidade negra é sempre a do *ser vítima (oprimido)*, fornece na verdade “uma

⁷<https://jemartisby.com>

⁸<https://twitter.com/travismcneely/status/992943986049503233>

⁹Anthony B. Bradley *Liberating Black Theology*. Crossway. Edição Kindle.

antropologia teológica falha". Isto porque James Cone escreveu uma teologia negra, que apresenta uma interpretação da Bíblia a partir da perspectiva dos negros, para a libertação dos negros, onde todo o cristão branco tem apenas um lugar: o lado do opressor.

De acordo com James Cone, os cristãos brancos são incapazes, até hoje, de entender ou de se relacionar com o sofrimento da árvore do linchamento porque eles têm uma visão de mundo (de)formada pela "*supremacia branca*". Sendo assim, a dívida branca para com os negros é impagável e, na prática, a reparação e a restituição dos danos causados pelos brancos aos negros nunca poderão ser completamente pagos. Como seria possível, então, para esta perspectiva teológica, a restauração e a reconciliação entre as pessoas de diferentes raças? A resposta é simples: tal reconciliação é idealmente impossível.

Mesmo eu, que deveria ter certo "lugar de fala", se considerarmos os padrões da interseccionalidade¹⁰ tão defendido pelos movimentos de justiça social atual — uma vez que sou uma mulher latina vivendo como imigrante nos Estados Unidos — na teologia de Cone, eu não encontro lugar. Sou "muito branca" e, portanto, opressora. Todos os argumentos utilizados por mim neste artigo, ao serem analisados por teólogos da libertação negra, "podem" ser invalidados por causa da cor da minha pele e por minha situação social. Neste caso, não é a realidade dos fatos, a história, nem a argumentação racional que prevalece no debate, mas sim o espectro racial/social/econômico no qual eu me encontro.

Todavia, em meu trabalho como agente social de combate ao tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, eu recebo diariamente notícias de mulheres/meninas que são vítimas do abuso e da exploração. Recebo notícias de meninas (e meninos) estupradas(os) violentamente, e de pessoas vendidas como *commodities*. Ainda hoje, muitas pessoas são escravizadas, e dados de agências americanas mostram que existem mais pessoas vivendo em situação de escravidão hoje, do que em todos os outros períodos da história. Estima-se que 40 milhões de pessoas estejam presas à escravidão moderna em todo o mundo. Essas pessoas são mulheres/homens, meninos/meninas, heterossexuais/homossexuais, negros, europeus, asiáticos. Muitas(os) são brasileiras(os) e americanas(os), e apesar de não terem a aparência de "oprimido" tal como descrito por James Cone, eles/elas são oprimidos!

¹⁰<https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>

Neste caso, que respostas a Teologia da Libertação Negra poderia então oferecer aos brancos, de diferentes nacionalidades que estão também em sofrimento social/econômico? O que dizer aos asiáticos que aparecem em disparado nas estatísticas de tráfico de pessoas? E todos os outros americanos, com a pele branca, sofrendo com a pobreza e a miséria? Para estas pessoas, a Teologia da Libertação Negra não tem nada a oferecer?

Interessante que, ao contrário da ideia proposta por James Cone de que todos os cristãos americanos brancos eram (e são) opressores, e de que os cristãos deveriam se envergonhar de seu passado racista, é possível verificar que muitos cristãos na história se levantaram contra a escravidão e o racismo. A última carta entre o evangelista John Wesley e William Wilberforce escrito em 1791 é um exemplo disso:

“Li esta manhã um trato escrito por um pobre africano, eu estava particularmente atingido pela circunstância, que um homem que tem uma pele negra sendo injustiçado ou indignado por um homem branco, não pode ter reparação; é uma lei em todas as nossas colônias que o juramento de um homem negro contra um branco não vale nada. Que tirania é isso!”

Mas se os motivos citados anteriormente que demonstram a minha relutância com a assimilação do material de Cone por parte dos brasileiros não são suficientes para que recebam seus escritos com olhar atento e crítico, vale ressaltar que a Teologia de Libertação Negra de James Cone incorpora em suas ideias uma divisão sociológica das raças que não é bíblica. Isto é, a divisão das raças tal como usada por ele não existe na Bíblia como um conceito formal. Deus criou a raça humana, de um homem, Adão, e o pecado veio por meio deste homem que representa toda a humanidade. Por causa disso, foi possível para Jesus, ao mesmo tempo homem e Deus, salvar a raça humana. Biblicamente, é possível encontrar apoio para a ideia de diferentes etnias, povos/nacionalidades, dois sexos diferentes (masculino e feminino), mas não para a diferença de raças tal como proposto hoje em dia, e como usado por Cone. Foram as ciências e os estudos sociais/antropológicos que designaram o termo “raça” para as diferenças entre as características relacionadas à aparência física das pessoas. O evolucionismo darwiniano pode ser facilmente usado para sugerir que algumas “raças” são superiores/inferiores a outras. Darwin escreveu uma vez: “Em algum período futuro, não muito distante

como medida em séculos, as raças civilizadas do homem, quase certamente, extinguirão e substituirão as raças selvagens achadas do mundo”.

A história já tem provas de que mãos erradas, a ideia de “supremacia racial” tal como colocado por Cone, pode se tornar uma interpretação bíblica racista muito poderosa. Esta perpetua o ódio, a divisão e a opressão. Sobre isso, Dr. Bradley afirma que:

“Basta olhar para os líderes da segunda geração da teologia da libertação negra para descobrir o quanto longe a teologia da libertação negra se aventurou, porque muitos teólogos negaram pontos de partida ortodoxos, como a autoridade final das Escrituras, definições bíblicas de pecado e redenção, as doutrinas de Deus e redenção por meio da expiação substitutiva e semelhantes.”¹¹

O autor negro Samuel Say vai ainda além ao falar de James Cone. Ele afirma que as ideias de Cone são “doutrinas heréticas”. Ele escreveu: “A Teologia da Libertação Negra troca o poder de Deus pelo poder negro. Ela troca a supremacia de Cristo pela supremacia negra. A Teologia da Libertação Negra é construída sobre uma base de amargura e vitimização, com a justiça social como sua pedra angular.”¹²

A verdade pura e simples é que James Cone foi capaz de construir sua perspectiva teológica apenas porque ele tinha como base fundamental as ideias adotadas do Marxismo e da Teoria Crítica das Raças, o que já era uma realidade para a Teologia da Libertação amplamente disseminada em seu tempo. Os princípios básicos destas ideias se inserem em uma ampla gama de outras teorias que agora são chamadas coletivamente de “wokeness”. Estas são: Teoria Queer, Teoria Pós-colonial, Estudos de Gênero, Teoria Crítica e muitas outras mais. Tais teorias apresentam uma visão de mundo diferente (e oposta) daquela que a Bíblia apresenta. Elas têm sua própria epistemologia e um conjunto diferente de éticas. Em todas essas, é comum encontrar as palavras como “supremacia branca”, negritude/brancura, interseccionalidade e outras. Essa linguagem não está apenas presente nos escritos de James Cone, mas é um argumento comum dentro de todas

¹¹Anthony B. Bradley, *Liberating Black Theology*. Crossway. Edição Kindle.

¹²Encontrado em: <https://slowtowrite.com/the-history-and-heresy-of-black-liberation-theology/>.

essas ideologias não-bíblicas. Cada palavra tem um significado técnico, com um conceito sociológico e ideológico por trás, e nunca são usadas por seus autores sem uma intenção particular. Por causa do espaço aqui, não será possível definir cada termo, ou apresentar as teorias por trás dos mesmos. Mas é central para esta reflexão o questionamento da necessidade de apropriação desses termos e ideias pela Teologia Cristã, tal como propõe a Teologia da Libertação Negra.

Parece-me que quando os teólogos tentam abraçar muitos conceitos ideológicos, eles tendem a perder os aspectos bíblicos fundamentais do Evangelho. Dietrich Bonhoeffer, ao escrever sobre o “bem-aventurado os pobres” no Sermão da Montanha, em seu livro *O Custo do Discipulado*, explica isso de uma forma ainda mais dura e brilhante. Ele escreveu:

“O Anticristo também chama os pobres de bem-aventurados, mas não por causa da cruz, que abraça toda a pobreza e a torna uma fonte de bênção. Ele luta contra a cruz com ideologia política e sociológica. Ele pode chamá-lo de cristão, mas isso só o torna um inimigo ainda mais perigoso.”¹³

Por fim, devemos sempre nos levantar para reafirmar que no cerne do pensamento cristão, o que inclui a Reforma Protestante, existe uma preocupação profunda com a justiça que não carece de nenhum outro aparato ideológico. Na justiça bíblica, podem ser reconhecidos importantes aspectos de justiça social tal como a defesa do direito e a proteção das mulheres/viúvas, dos órfãos e os direitos do imigrante. No livro de Atos encontramos um modelo de “comunhão radical” que pode servir de exemplo para a necessidade de reconciliação entre povos que o mundo atual possui. No modelo bíblico, a unidade entre os crentes é resultante dos dons do Espírito Santo e do amor entre os cristãos que “tem tudo em comum”. A transformação social vista desde a igreja primitiva nunca teve influência de nenhuma ideologia humana, nem precisou de ações humanas revolucionárias específicas. A unidade, guiada pelo Espírito Santo, foi suficiente para transformar as pessoas e a sociedade ao seu redor. Essa transformação social pode ser vista também na história da igreja e no estudo dos grandes avivamentos, tal como no

¹³pp. 121 In: https://df34e017f9c26b9c7b00-b8e800764aa7fb8b32de2e07e74ef69f.ssl.cf2.rackcdn.com/uploaded/t/0e8233652_1547052993_the-cost-of-discipleship-bonhoeffer.pdf

caso do Avivamento de Gales. Ao ler textos tais como Gálatas 6, em conjunto com 1Tessalonicenses 3, é possível entender que essa profunda comunhão entre os cristãos pode ser tão poderosa, que pode transformar todo o mundo circundante, sendo um testemunho de um modelo transformador bíblico e efetivo. A igreja está em uma missão, e é a missão de Deus, e a tradição cristã, que segue o modelo bíblico verdadeiro, deve refletir essa mensagem de unidade.

O problema não é a cor da nossa pele. O problema é, e sempre foi, o coração pecador do homem. Todos os seres humanos são capazes de ferir outros. Independente da sua cor, apesar da sua etnia, apesar da sua posição socioeconômica. Ao viverem longe de Deus, todos os seres humanos são capazes de fazer mal aos outros. O poder do Evangelho, somado ao poder de uma igreja cheia do Espírito Santo, é o que precisamos para superação de todas as relações de opressão que tem como motor não as questões de raça, mas o problema do coração pecador dos seres humanos. Espero que você se lembre disso quando James Cone chegar até você, ou na próxima vez que ouvir o termo “supremacia branca”.



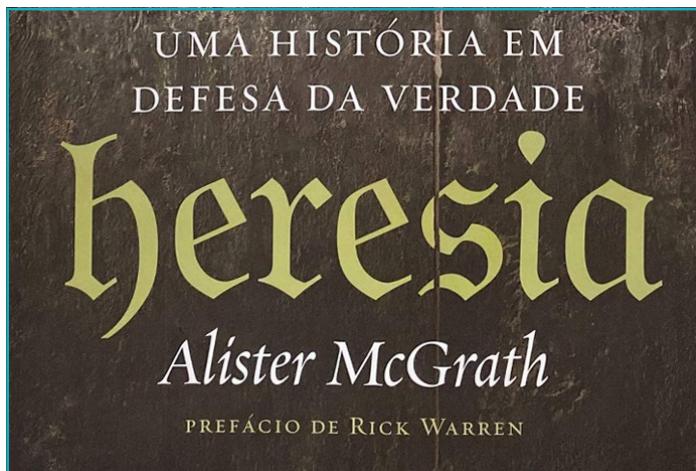
Ana Carolina Peck Mafra

Sobre o autor

Bacharel e Mestre em Psicologia. Atuou 15 anos no cuidado com famílias, especialmente nas questões da sexualidade. Atualmente está finalizando o Master in Biblical Studies e cursando o segundo ano do Doctor in Ministry no South Flórida Bible College e fundou a DoHope Internacional (USA) uma agência especializada na produção de conteúdos e treinamentos para o combate da Exploração Sexual e do Tráfico de Pessoas. Defensora do homeschoool, mora com seu esposo Marcel e seus dois filhos no Sul da Flórida a 4 anos.

[Sem] contribuições heréticas à ortodoxia: A reflexão de Alister McGrath sobre o conceito de heresia

George Camargo



Há muitas narrativas nesse mundo plural. No entanto, quando uma narrativa de contribuição entra em rota de colisão com outra narrativa a ponto de causar prejuízos para comunidade de fé, como proceder? Responder essa pergunta é um desafio. Em 2009, Alister McGrath publicou *Heresy: a history of defending the truth* pela *Harper Collins Publishers*. Depois de cinco anos, a obra foi traduzida para o português com o título “*Heresia: Uma história em defesa da verdade*” (São Paulo: Hagnos, 2014). Sendo assim, utilizou-se aqui como referencial teórico a obra em português do teólogo irlandês Alister McGrath. Apresenta-se, então, a proposta do livro nas palavras de McGrath:

Este livro é um trabalho de síntese que procura reunir importantes estudos na área e explorar a relevância deles na contemporaneidade para a nossa compreensão da ideia de heresia. Não se pretende encontrar novos caminhos em nosso entendimento do conceito de heresia de uma forma geral, ou de qualquer heresia específica em particular. Não se trata de uma narrativa detalhada, abrangente, das muitas heresias que têm surgido dentro do cristianismo. (p. 19)

O *evangelical* Alister Edgar McGrath (1953-) é um *polymath* irlandês. Ele é formado em química e tem doutorado em biofísica molecular ambos pela Universidade de Oxford. O Rev. Prof. Alister McGrath migrou para a carreira teológica. Para isso, ele conseguiu finalizar os estudos teológicos na Universidade de Oxford em dois anos. Com isso, ele obteve o título de bacharel em teologia em 1978 com menção honrosa e ganhou o prêmio *Denyer and Johnson* em teologia pelo melhor desempenho nas avaliações daquele ano. Além disso, o seu *curriculum* conta com mais dois doutorados por meio de publicações relevantes e três doutorados *honoris causa* na área de humanidades. O autor tem dezenas de artigos e livros, entre eles, alguns publicados por editoras brasileiras protestantes e católica romana: *Fundamento do Diálogo entre Ciência e Religião* (Loyola, 2005), *Paixão pela Verdade* (Shedd Publicações, 2007), *Apologética Cristã no Século XXI* (Vida, 2008), *Teologia Pura e Simples* (Ultimato, 2012), *A Gênese da Doutrina* (Vida Nova, 2015), *Deus não vai embora* (Cultura Cristã, 2018), *Uma Teoria de Tudo* (Mundo Cristão, 2021) e *Ciência & Religião* (Thomas Nelson Brasil, 2020). Para mais informações biográficas, deve-se consultar o texto “Ciência, fé e compreensão do sentido das coisas”, de McGrath, escrito no livro: “Verdadeiros cientistas, fé verdadeira”, publicado pela editora Ultimato em 2016.

A relevância da obra "Heresia", de McGrath, está inserida em um contexto da modernidade tardia, denominado a *atração da contemporaneidade pela heresia*. Por exemplo, em *Why is contemporary scholarship so enamored of ancient heresies?* de Patrick Henry, este afirmou: “as heresias são vistas como declarações corajosas e ousadas de liberdade espiritual a serem valorizadas, em vez de evitadas”¹. Já o historiador da cultura Peter Gay afirma: “[...] ‘a atração da heresia’ — uma intrigante frase de efeito que indica um desejo devastador e sedutor de subverter, ou no mínimo desafiar, as expectativas culturais convencionais”. De acordo com o escritor judeu Will Herberg (1901-1977), “a heresia é radical e inovadora, enquanto a ortodoxia é prosaica e reacionária”². E continua Herberg, em plena “teologia da morte de Deus” em 1960 — “Hoje, as pessoas se vangloriam avidamente de serem hereges, esperando com isso se mostrarem interessantes; pois o que significa ser

¹HENRY, P., *Why is contemporary scholarship so enamored of ancient heresies?*, 1980, p. 123.

²GAY, P. Modernism, 2008, p. x.

um herege, senão ter mente original, ser um homem que pensa por si mesmo e rejeita credos e dogmas?”³.

A obra resenhada foi organizada com uma introdução, quatro partes e uma conclusão sobre “O futuro da heresia”. As quatro partes são: “o que é heresia?” (p. 25-54), “as raízes da heresia” (p. 57-125), “as heresias clássicas do cristianismo” (p. 130-213) e “o impacto duradouro da heresia” (p. 217-282).

A primeira parte perpassa pela questão “o que é heresia?”. Para isso, McGrath dividiu em dois capítulos. O primeiro capítulo desenvolve o argumento da dimensão “[d]a natureza da fé” (p. 30-33), passando “pela consolidação da fé” (p. 33-37) até chegar “[n]a preservação da fé” (p. 37-43). É interessante perceber “a entrega de bastão” de uma seção para outra seção de maneira a evidenciar o *status quaestionis* da fé cristã nos primeiros dois séculos da nossa era de acordo com as pesquisas de McGrath. Para entender a leitura de McGrath, faz-se um resumo recortado do argumento dessas três seções elaborado pelo teólogo britânico.

Crer em Deus é confiar em Deus [...] confiar em alguém leva ao comprometimento [...] [a] fé – geralmente comprometida de modo *relacional* — e [a] crença – geralmente comprometida de modo *cognitivo* ou *conceptual* [...] As crenças representam uma tentativa de colocar em palavras a substância dessa fé, reconhecendo que as palavras nem sempre são capazes de representar o que elas descrevem, mas também reconhecendo a necessidade de tentar confiar às palavras o que elas, no final das contas, não podem conter [...] [Sendo assim,] um dos desafios com o qual a igreja primitiva deparou foi a consolidação de suas crenças. A evidência histórica sugere que, inicialmente, isso não era considerado uma prioridade. Mesmo por volta da metade do século II, a maioria dos cristãos parecia contente em viver com certo grau de confusão. A imprecisão teológica não era vista como ameaça à consistência ou existência da igreja cristã [...] No entanto, o aparecimento da controvérsia levou à crescente necessidade de definição e formulação [...] Visões que antes eram consideradas aceitáveis começaram a cair por terra quando um exame mais rigoroso das controvérsias da época começou a expor as suas vulnerabilidades e deficiências. Os modos de expressar certas doutrinas que as gerações anteriores consideravam sólidos começaram a parecer inadequados sob um exame rigoroso. Não é que necessariamente

³HERBERT, W., *Faith enacted as History*, 1976, p. 170

estivessem errados, não eram bons o bastante [...] Esse processo realmente não deveria ser pensado em termos de vencedores e perdedores; ele é mais bem compreendido como uma busca de autenticidade — um “*conflito* produtivo sobre objetivos e prioridades entre os cristãos” no qual todas as opções foram examinadas e avaliadas [...] A cristalização final desse processo de exploração pode ser vista na formação dos credos – declarações de fé autorizadas, que representam o *consensus fidelium*, “o consenso dos crentes”, em vez da expressão de fé privada, individual [...] A doutrina é alguma coisa construída, pelo menos em parte, em resposta à revelação para salvaguardar o que foi revelado [...] A doutrina, então, preserva os principais mistérios no cerne da fé e da vida cristã (p. 30-33, 38-39, 41).

A citação supramencionada, ainda que longa, resume o tom da leitura da fé e da crença em Deus até as declarações doutrinárias segundo McGrath. No entanto, dois pontos devem ser considerados a fim de alinhar o papel da ortodoxia e o advento da ideia de heresia. A primeira se refere à seguinte reflexão; “os conceitos morrem quando deixam de corresponder às necessidades sentidas ou a uma realidade vivida” (p. 44). Já a segunda consideração aponta para a reflexão: “outros [conceitos] continuam a existir porque expressam ideias que permanecem como significativas, ressoando a experiência de indivíduos e comunidades” (p. 44). Esse é o tema do segundo capítulo intitulado “as origens da heresia”. E esse assunto se torna relevante, porque a heresia pertence a segunda consideração segundo McGrath. Ou seja, a heresia é uma contribuição conceitual (não empírica), que é entendida pelo(s) proponente(s) como relevante para uma comunidade, todavia o resultado é a perda de foco e a ultrapassagem dos limites da diversidade (p. 45). Com isso, a heresia é considerada subversiva ou destrutiva e leva indiretamente ao estado de incredulidade (p. 46). Esse é ponto de destaque de McGrath, ou seja,

A heresia pode ser vista, de um modo mais direto, sob a forma de crenças cristãs que, mais por acaso do que por designio, acaba por subverter, desestabilizar ou até mesmo destruir o núcleo da fé cristã. Tanto o processo de desestabilização quanto a identificação de sua ameaça podem se estender por um longo período de tempo. Um modo de racionalizar um aspecto da fé cristã, como a identidade de Jesus de Nazaré — um aspecto que pode, de início, ser bem-vindo e aceito de um modo geral — talvez precise, posteriormente, ser encerrado devido ao dano potencial que ele pode ser capaz de causar no futuro (p. 20).

Em suma, Alister McGrath entende que “uma heresia é uma doutrina que no final acaba destruindo, desestabilizando ou distorcendo um mistério, em vez preservá-lo” (p. 42). Nesse sentido, McGrath, a meu ver, compara de forma acertada a heresia a um vírus, “[...] que se fixa dentro do hospedeiro e, por fim, usa o sistema de replicação de seu hospedeiro para conseguir a dominação” (p. 47). E alhures, continua: “Entretanto, independentemente do que esteja na origem da heresia, a ameaça vem de dentro da comunidade de fé” (p. 47). Aqui reside uma reflexão: a heresia seria uma espécie de *aggiornamento* (atualização) ou ressignificação como contribuição para o núcleo duro do cristianismo? Ou seja, a proposição atribuída ao teólogo holandês Voetius: *ecclesia reformata et semper reformanda est* [a igreja reformada está sempre se reformando], quando permutada para *fides reformata et semper reformanda est* [fé reformada está sempre se reformando], não seria uma contribuição herética nos termos defendidos por McGrath? Deve-se pensar nisto!

Na Parte 2, trata das raízes da heresia (p. 57-77). McGrath utilizou a publicação *The Pattern of Christian Truth: A Study in the Relations between Orthodoxy and Heresy* do teólogo anglicano Rev. Henry Ernest William Turner (1904-1995) para exprimir os fatores “[d]a diversidade — o pano de fundo da heresia primitiva” (p. 57-77) e a “visão aceita” sobre a origem da heresia em meados do século III (p. 83). Todavia, o ponto alto da Parte 2, a meu ver, é a tese de Bauer (p. 94-103). Em 1934, o teólogo alemão Walter Bauer (1877-1960) publicou [com pouquíssima divulgação!] a obra alemã *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum* [Ortodoxia e Heresia no Cristianismo Primitivo]. Neste livro, apresenta a denominada tese de Bauer, ou seja, “A ‘ortodoxia’ nada mais seria do que uma heresia que por acaso venceu — e prontamente tentou suprimir seus rivais e silenciar suas vozes [...] para quem a mais primitiva e autêntica forma da fé cristã era provavelmente a herética, não a ortodoxa” (p. 9). Em 1971, a obra de Bauer foi traduzida para o inglês e, nesta época, encontrou um solo fértil e uma atmosfera cultural, devido aos acontecimentos do final da década de 1960. Segundo McGrath, “o livro [de Bauer] logo se tornou um talismã para os críticos pós-moderno da ortodoxia” (p. 10).

Na Parte 3, há dois capítulos. O sexto capítulo tem o foco em três heresias clássicas: ebionismo, docetismo e valentianismo (p. 129-170). Existem cinco pontos que merecem ser destacados na visão de McGrath. A primeira é as três

heresias envolvem o relacionamento entre o cristianismo e outros grupos religiosos (i.e. judaísmo e gnosticismo) (p. 169). A segunda é as três heresias foram condenadas como heréticas antes do desenvolvimento de qualquer estrutura de autoridade permanente (p. 169). A terceira é a dificuldade de aceitar a conclusão de estudiosos que Marcião e Valentino foram declarados hereges pela igreja (p. 169). A quarta é a fluidez organizacional da igreja primitiva, que aponta para uma dificuldade de fazer uma campanha contra as alegadas heresias (p. 169). A quinta é a tese de Bauer sobre o triunfo da ortodoxia como um incidente essencialmente ideológico não se sustenta a evidência histórica (p. 170). É interessante notar que McGrath traz para o debate a dificuldade de avaliar a heresia no contexto da igreja da primeira metade do século II. Aqui reside um ponto interessante para pesquisas acadêmicas. Já o sétimo capítulo, que está inserido na Parte 3, descreve as heresias clássicas tardias: arianismo, donatismo e pelagianismo (p. 171-213). McGrath defende que os três proponentes tentaram contribuir para a ortodoxia sem má intenção, egoísmo ou algum tipo de depravação teológica pessoal (p. 212). É interessante perceber que Ário, Donato e Pelágio se fundamentaram na Bíblia para fazer suas contribuições para a comunidade de fé, no entanto, essas explorações teológicas resultaram em um “beco sem saída”. Nesse sentido, deve-se refletir que, o simples fato de usar citações bíblicas não necessariamente credencia esta contribuição como um ensino cristão. Ou seja, é possível ter uma visão empobrecida e distorcida da fé cristã sustentada por inúmeros versículos bíblicos. Desse modo, McGrath constata:

[...] esse tipo de exploração teológica não se limitou a era patrística, ela continuou ao longo da história cristã, chegando até os dias de hoje, à medida que os teólogos e líderes da igreja prosseguem buscando o meio mais autêntico de expressar o evangelho, especialmente à luz das mudanças culturais locais e globais. Algumas das novas abordagens se mostraram frutíferas e persuasivas, e serão de valor para as igrejas no longo prazo; outras se mostraram becos sem saída [...] tudo isso significa que precisamos refletir com muito cuidado sobre as motivações intelectuais e culturais da heresia (p. 213).

Na Parte 4, há três capítulos que abordam o impacto duradouro da heresia (p. 215-282). Temas como as pesquisas sobre a origem da heresia por meio da ciência cognitiva da religião são abordados a fim de evitar enfoques reducionistas

(p. 219). Essa linha de pesquisa tem a ver com aquilo que se denomina de “naturalização da fé cristã”, ou seja, a assimilação da ortodoxia pelos modos mais “naturais” de pensar (p. 220). Nesse sentido, observa que McGrath tenta apresentar a teologia em diálogo com as demais ciências. Ou seja, McGrath propõe uma abordagem de diálogo segundo a proposta quadrupla de Ian Barbour⁴, que são: conflito, independência, diálogo e síntese. Em relação aos desafios da modernidade tardia, McGrath pontuou cinco pressões implicadas na gênese da heresia: as normas sociais contemporâneas (p. 224-227), a acomodação à razão secular (p. 228-231), a formação da identidade social (p. 231-234), a contextualização ou acomodação religiosa (p. 234-236) e as preocupações éticas (p. 236-241).

Por fim, “o futuro da heresia” (p. 283-287) é a conclusão desta obra. McGrath relembra a sugestão equivocada que heresia é uma ideia fora de moda e sem relevância para a vida da igreja (p. 284). No final desta obra, fica claro que o teólogo irlandês quer ressaltar quatro pontos: “a busca da ortodoxia é essencialmente a busca de autenticidade” (p. 284); “as heresias, como a história, têm o hábito de se repetir” (p. 284); “o novo interesse na heresia, tão característico no final do século XX e início do século XXI, vai muito além da renovação de interesse intelectual num fenômeno negligenciado ou mal-entendido do passado” (p. 285) e “a sedução do que é proibido na religião pode ser explicada, pelo menos até certo ponto, em bases psicológicas sociais” (p. 286).

Nesta resenha, observou-se de forma resumida que há incrustado na modernidade tardia aquilo que Peter Gay denominou de “atração pela heresia”. Nesse sentido, a perspectiva cultural é sempre privilegiada para conceituar a heresia. Alister McGrath já oferece outra abordagem. O teólogo britânico mostra a contribuição de certos ensinos que, no final, distorceram, desestabilizaram ou destruíram o *mistério*. McGrath tentou mostrar que a questão em voga não era a motivação do proponente, todavia o resultado da proposta para a comunidade de fé, que empobrecia e distorcera o *mistério*. Vale o registro também que, um ponto fraco da obra de McGrath é não articular de forma hegemonicamente com as fontes primárias dos séculos II ao V.

Espera-se que essa resenha desperte a curiosidade e gere novas pesquisas *ad fontes* com finalidade de entender que, no cristianismo, aquilo que se ora

⁴HERBERT, W., *Faith enacted as History*, 1976, p. 170-171.

(ortopraxia viva) é aquilo que se crê (ortodoxia viva). Em suma, esses elementos da vida cristã sempre devem caminhar juntos — *lex orandi lex credendi!*

Referências bibliográficas

- BARBOUR, Ian G. – *Quando a Ciência encontra a Religião: inimigas, Estranhas ou Parceiras?* Trad. Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004.
- GAY, Peter. – *Modernism: The lure of heresy from Baudelaire to Beckett and beyond.* New York: W. W. Norton, 2008.
- HENRY, Patrick. – “Why is contemporary scholarship so enamored of ancient heresies?” In: LIVINGSTONE, Elizabeth A. (org.). *Proceedings of the 8th International Conference on Patristic Studies.* Oxford: Pergamon Press, 1980, p. 123-126.
- HERBERT, Will. – *Faith enacted as history: Essays in Biblical Theology.* Philadelphia; Westminster Press, 1976.



George Camargo

Sobre o autor

Doutorando em engenharia elétrica (UFRJ) e mestre em teologia (PUC-Rio). É bacharel em teologia (EST-Mackenzie/SP), mestre em engenharia elétrica (UFRJ) e mestre em engenharia de energia (UNIFEI). É membro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

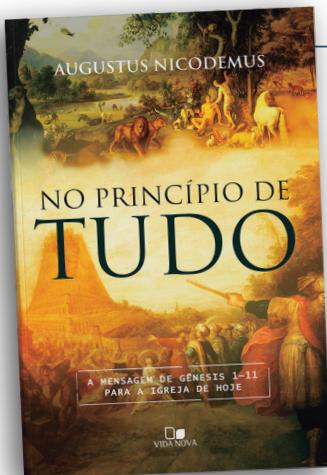
Lançamentos

Esperança em tempos de medo
A ressurreição e o significado da Páscoa

Timothy Keller | 14x21 cm | 304 p.

Esta obra analisa o sentido transformador da ressurreição de Jesus. A Páscoa lembra ao mundo que Jesus ressuscitou fisicamente dos mortos e que podemos nascer de novo e ressuscitar espiritualmente. Isso porque a ressurreição de Cristo traz agora, para a nossa vida, o poder futuro de Deus que um dia haverá de curar e renovar o mundo inteiro. A esperança do cristão é real e inabalável. Não se trata de uma expectativa ingênua e utópica do paraíso hoje, mas de uma esperança para a vida e a sociedade da qual podemos participar na plenitude do paraíso por vir.

Em pré-venda com previsão de lançamento em 21/03/2022.



No princípio de tudo

A mensagem de Gênesis 1-11 para a igreja de hoje

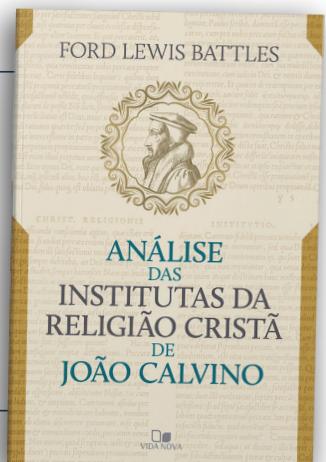
Augustus Nicodemus Lopes | 14x21 cm | 464 p.

Nesta exposição de Gênesis 1-11, Augustus Nicodemus equipa os cristãos a darem respostas a um mundo absolutamente carente de sentido. Perguntas como “Por que existe algo em vez do nada?”, “Por que existe o mal no mundo?”, “Por que as pessoas se matam e se odeiam, apesar de ter Deus feito o mundo bom?” e “Por que precisamos do evangelho e de um Redentor?” são tratadas com profundidade e clareza e, desta maneira, o leitor cristão é capacitado a obter respostas e compartilhá-las com pessoas interessadas à sua volta.

Análise das Institutas da Religião Cristã
de João Calvino

Ford Lewis Battles | 16x23 cm | 512 p.

As *Institutas* de Calvino é uma das mais importantes obras dos últimos mil anos, mas até mesmo seminaristas e pastores têm dificuldades de terminá-la. Ford Lewis Battles teve a experiência em orientar alunos por meio desse volume, à medida que o ensinou por 45 anos. Seu esboço detalhado e resumo estão agora disponíveis a todos os interessados na grande obra de Calvino.

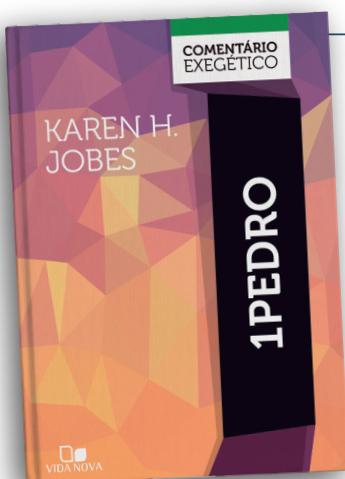
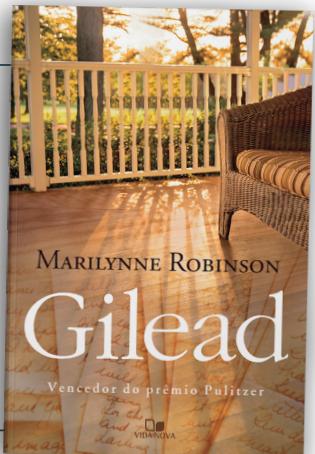


Gilead

Marilynne Robinson | 14x21 cm | 320 p.

Gilead é o segundo romance de uma das mais brilhantes autoras americanas contemporâneas, que compõe com sua escrita um bordado ao mesmo tempo sutil e avassalador — certamente um desafio a uma tradução tão primorosa como essa, de Maria Helena Rouanet.

Esse livro é uma declaração de amor incondicional à vida, mesmo assombrada por Deus e um lamento por sua brevidade. Aclamado pela crítica e pelo público, foi o vencedor do Pulitzer de 2005.



1Pedro: comentário exegético

Karen H. Jobes | 16x23 cm | 448 p.

Neste importante comentário de 1Pedro, Karen H. Jobes apresenta sua própria tradução do texto grego e um profundo compromisso do significado da epístola, enfatizando a necessidade de se ler 1Pedro à luz de seu contexto cultural. Além disso, Jobes ressalta a relação do cristão com a cultura e o lugar do sofrimento na vida cristã. Ela também apresenta uma nova sugestão sobre os destinatários originais da carta, destacando, sobretudo, os insights fornecidos pelo uso da Septuaginta na epístola e, desafiando, assim, as suposições prevalecentes sobre a natureza do grego na carta.

Discipulado para a glória de Deus

Um guia pastoral para fazer discípulos por meio da Escritura e doutrina

Kevin J. Vanhoozer | 14x21 cm | 320 p.

Nesta obra, Kevin Vanhoozer defende que os pastores devem interpretar a Escritura teologicamente a fim de articular a doutrina e ajudar na edificação dos discípulos. A sã doutrina é crucial para a vida da igreja e, por isso, pastores-teólogos têm a responsabilidade de entregá-la fielmente para suas comunidades.

